W.i.t.c.h.
as bruxinhas
Will Irma Taranee Cornélia Hay Lin
Dedos Verdes
POR LENE KAABERBØL
edelbra

Dedos Verdes

Lene kaaberbol

Prólogo

Antigamente, há muito tempo, quando o universo era jovem, espíritos e criaturas viviam sob o mesmo céu. Havia apenas um mundo, apenas um vasto reino, governado pela harmonia da natureza. Mas o mal entrou no mundo e encontrou o seu lugar nos corações e mentes dos espíritos e das criaturas, e o mundo despedaçou-se em muitos fragmentos. O reino foi dividido entre aqueles que desejavam a paz e aqueles que viviam para ganhar poder sobre os outros e causar-lhes dor.

Para guardar e proteger o que havia de bom nos mundos, a poderosa fortaleza de kandrakar foi erguida no meio do infinito.

Lá, uma congregação de espíritos e criaturas poderosas mantém vigilância; o principal deles é o

Oráculo. Sua sabedoria é muito necessária; às vezes, ***Kandrakar*** *é tudo o que impede o mal de entrar onde não deveria.*

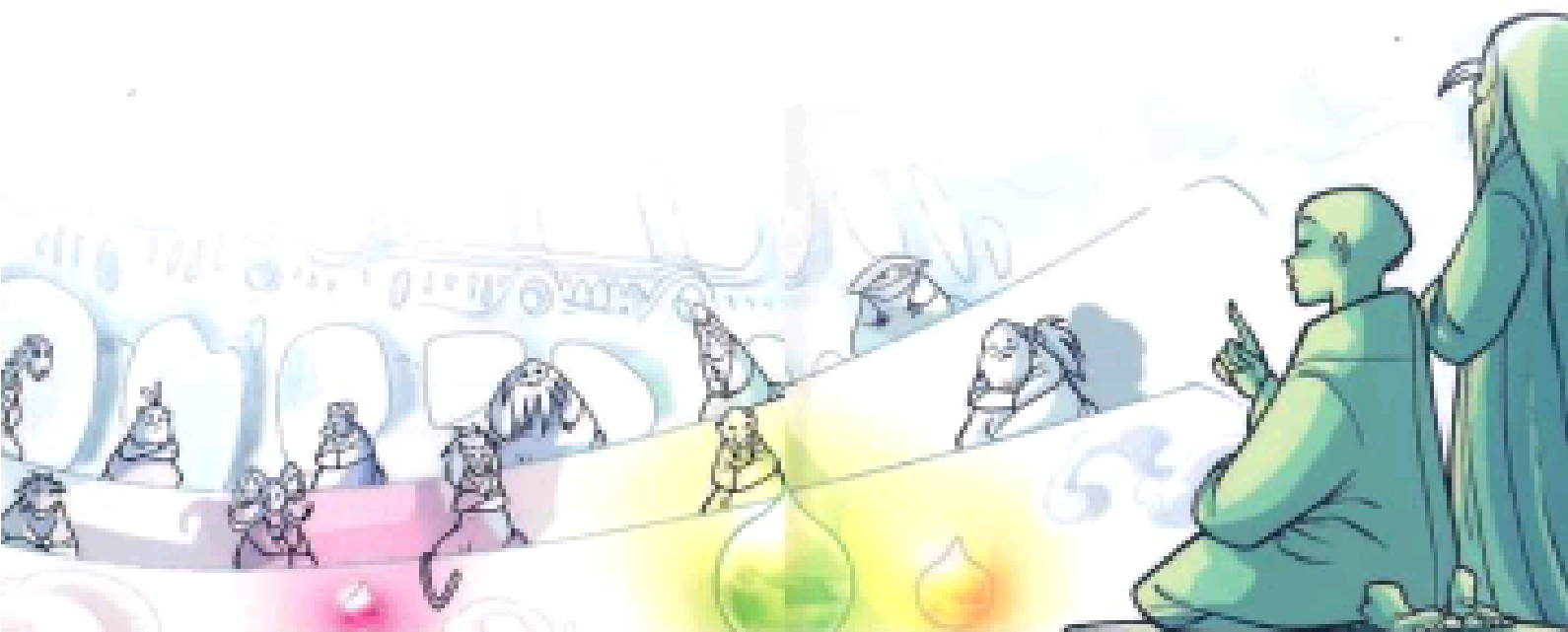
Há também o Véu. Uma barreira preciosa entre o bem e o mal, guardada por garotas improváveis.

Irma tem poder sobre a água.

Taranee pode controlar o fogo.

Cornélia tem todos os poderes da terra.

Hay Lin mantém a leveza e a liberdade do ar. E Will, a Guardiã do Coração de kandrakar, segura um poderoso amuleto no qual todos os elementos naturais se encontram para se tornarem energia, pura e forte.

Juntas elas são as W.I.T.C.H. – as cinco Guardiãs do Véu. E o universo precisa delas....

Capítulo 1

- Você está estragando as flores - disse Lilian acusadoramente. - Mamãe diz que não devemos tocar nas plantas dela

Suspirei. Minha irmã mais nova, Lilian, estava me irritando de novo. Como sempre.

- Estou apenas colhendo as flores mortas - eu disse. - Você deveria fazer isso. Chama-se podar uma planta. - Com cuidado, arranquei outra flor murcha de hibisco do caule.

Com um estalo alto, o vaso de repente se partiu em dois e a terra do vaso derramou-se no chão da sala. Assustado, soltei o hibisco.

- Você quebrou, - gritou Lilian. - Mãe! Cornélia quebrou a planta!

- Silêncio! - Eu sibilei. - Fique quieta ou eu...

Mas era tarde demais.

- Cornélia! - minha mãe gritou. Mamãe estava na porta, olhando para mim. - Eu lhe disse para não brincar com minhas plantas. Como você pode ser tão descuidado?

- Mas eu não fiz nada! - Eu disse.

- Oh sério? - minha mãe disse. - E eu acho que vo-

cê quer que eu acredite que a plantinha de repente decidiu quebrar o vaso sozinha?

Eu fiz uma careta para a planta. Não parecia pouco. Na verdade, parecia bastante grande. A planta estava praticamente crescendo enquanto eu observava.

Espere um segundo. *Crescendo enquanto eu observava?*

Uma suspeita surgiu em minha mente. Olhei para minhas mãos. Não, eu não tinha um polegar verde. Mas eu tinha poder sobre a terra. Eu sabia que poderia fazer as coisas crescerem quando quisesse. Só que desta vez eu não queria. Eu não tentei fazer nada acontecer. E a planta ainda teve um grande surto de crescimento que dividiu o vaso. O *que estava acontecendo*?

- Bem, não fique aí parado - minha mãe repreendeu. - Consiga um novo vaso para a planta.

- Cornelia estava dando um soco - disse Lilian com muita importância.

- Poda, eu estava dando uma poda, sua praga! - Eu sibilei.

- Não fale assim com sua irmã, Cornélia - disse minha mãe. - Vá buscar outra panela e, enquanto estiver fazendo isso, pegue o aspirador de pó e tome cuidado dessa bagunça que você fez.

- Eu não fiz nada! - Protestei novamente. - Hones-

tamente, às vezes você pensaria que a escravidão não foi abolida...

- Cornelia - minha mãe disse com um olhar severo. - Você está perto de ficar de castigo!

Eu fechei minha boca. Ela não faria isso, faria? Não com o show de Hay Lin chegando. Lancei um olhar de soslaio para ela.

- Bem? - Mamãe ainda estava olhando para mim.

Decidi não arriscar.

- Tudo bem, tudo bem - eu disse.

Quando terminei de replantar a planta e limpar a bagunça, já estava muito atrasado. Corri para o Instituto Sheffield. Normalmente não vou à escola aos sábados, mas fiz um ensaio geral para o desfile de Hay Lin.

Quando cheguei à escola, Irma veio correndo até mim. Ela quase me derrubou com a carga de caixas que carregava.

- Você está atrasada! - ela gritou para mim.

- Desculpe - eu disse. Eu não estava com vontade de entrar em detalhes, especialmente com Irma, *a rainha não-oficial dos atrasos.*

- Ei, cuidado! - Will chamou enquanto ela tentava manobrar pelo corredor com uma grande escada. - Você está tão atrasada!

Uma garota não poderia se atrasar de vez em quando? Passei por Will e fui direto para a escola. Encontrei a Tarance montando uma câmera em um tripé. Olhando para o medidor de luz, ela recuou de repente, pisando firmemente no meu pé direito.

- Oh, er, desculpe - ela murmurou. - Eu gostaria que Will iluminasse melhor o palco. Esta não é a melhor luz para fotos. - Então Tarance pareceu focar em mim. - Oh, Hay Lin está procurando por você. Você está atrasada, não está?

- Sim, - eu assobiei, e manquei para a sala de aula que havia sido convertida em camarim. Um monte de saias e vestidos de cores vivas estavam espalhados por toda a sala. No meio da sala, Hay Lin estava parada com a testa franzida.

- Não, esse não! - ela disse para uma garota chamada Kara. - Isso é para o final. Onde está... - ela continuou, e então ela me notou parada ali. - Ah, aí está você. Você chegou...

- Tarde. - Eu disse, terminando a frase dela. - Sim. Eu sei. Desculpe.

Hay Lin juntou as mãos e sorriu para mim.

- Eu estava prestes a dizer que você é uma visão muito bem-vinda. Por favor, ajude-nos a resolver essa bagunça.

Suspirei. Toda a irritação da manhã voou fora de mim. Sorri calorosamente para Hay Lin.

- Eu ficaria feliz em fazê-lo - eu disse.

Eu queria que esse desfile fosse um sucesso. Hay Lin trabalhou como uma louca para terminar todos os vestidos a tempo e ela realmente merecia um bom desfile.

Ajudar no desfile de Hay Lin foi uma daquelas situações em que era bom ser comum. Não quero dizer chato, comum, só quero dizer não mágico. Este show usou muita da nossa energia, mas nem um grama de magia dos Guardiões. Eu adorava discutir a música, os penteados, as roupas e as mudanças de figurino, em vez de ter nossas vidas ameaçadas por monstros de quase dois metros e meio de altura com caudas reptilianas. Foi uma boa pausa.

Não me entenda mal. Fazer parte da W.I.T.C.H. foi uma das coisas mais emocionantes e importantes que já aconteceram na minha vida. Quando descobri o que poderia fazer com meus poderes. Eu estava orgulhosa e um pouco assustada. E então, quando Will ganhou o Coração de kandrakar, descobrimos que estávamos todas ligados através do Coração.

Acontece que cada um de nós – Will, Irma, Taranee, Hay Lin e eu, Cornélia – tem poder sobre um dos elementos naturais. O meu é a terra, claro, e Hay Lin

tem poderes incríveis sobre o ar. Taranee pode brincar com fogo e Irma pode fazer as coisas mais incríveis com água. E porque Will une todos nós com seu poder de controlar a energia pura, ela é nossa líder.

No começo foi um pouco difícil para mim aceitar a tarefa de ser uma Guardiã.Quer dizer, sempre fui o tipo de pessoa que acredita quando naquilo que vê. Meus dois pés estavam sempre firmes no chão, o que suponho ser apropriado para uma garota terrena. E, no entanto, lá estávamos nós, nós cinco, compartilhando os mesmos sonhos estranhos e com todos esses poderes mágicos ao nosso alcance.

Acima de tudo, descobrimos que nem todos ficaram entusiasmados com o fato de kandrakar ter ungido cinco novos Guardiões. Tínhamos inimigos em mundos dos quais nunca tínhamos ouvido falar. Mais tarde, descobri que também tínhamos amigos. Bons amigos, mas isso é outra história. Tenho que admitir, foi tudo um pouco avassalador, uma espécie de sonho que se tornou realidade e pesadelo, tudo reunido em um só. Então, às vezes, é bom fazer coisas que não tinham nada a ver com salvar o mundo, coisas que permitiam que você tivesse quatorze anos e fosse completamente anti-mágico.

Ou assim pensei. Mas naquele dia, sem que eu soubesse, a magia já estava em ação em Heatherfield.

E era um tipo de magia que logo se tornaria muito difícil de ignorar.

- Senhoras e senhores, o Sheffield Institute tem o orgulho de apresentar a coleção *Spring Fashions* da nossa própria estilista Hay Lin! - anunciou o mestre de cerimônias do show.

- Uau! Há tantas pessoas - sussurrou Taranee, parada ao meu lado nos bastidores do auditório. - Estou feliz que seja você quem vai lá, e não eu!

- Você poderia fazer isso - eu disse, com um sorriso.

- Não, eu não poderia, - Taranee sussurrou. - Você está tão linda e calma.

Eu não estava me sentindo completamente calma. Minhas mãos estavam úmidas e eu queria voltar correndo para o provador. Certa vez li uma entrevista de uma supermodelo em alguma revista de moda. "O *truque é sair na passarela sabendo que você é linda*", disse a modelo. "*Então o público também acreditará.*" Fácil para ela dizer. Toquei meu cabelo nervosamente.

A música começou. Foi a minha deixa. Hay Lin escolheu uma música da nossa banda favorita, Karmilla.

- Vai! — disse Taranee, dando-me um leve empur-

rão em direção ao palco.

Eu desejei que meus pés se movessem. Com um sorriso que parecia estampado em meu rosto, saí para a passarela. Em algum lugar atrás de mim, Hay Lin provavelmente estava roendo as unhas e tendo um pequeno ataque de pânico. Eu sei como ela se sente. *Se as roupas que eu projetei estivessem sendo mostradas, eu estaria um desastre total! Mas elas gostariam deles, não é? Eles tinham que admirar o meu estilo descolado, ou obviamente não tinham bom gosto!*

Ouvi assobios vindos do fundo do auditório. Eu soube imediatamente que era Uriah e sua gangue de amigos idiotas. De jeito nenhum eu iria deixá-los arruinar a grande noite de Hay Lin! Continuei andando, com meu sorriso de passarela.

Descobri que estava caminhando pelo corredor com uma determinação feroz. *Veja isso*, pensei. *Este é um ótimo vestido.*

Virei-me para que a saia turquesa ficasse em volta dos meus joelhos. Olhei por cima do ombro, principalmente para manter os meninos quietos, e desfilei pelo palco.

Quando voltei para os bastidores, Irma saiu vestindo outra das criações de Hay Lin. Ela me lançou um olhar rápido e assustado. Por que? Algo estava errado? Verifiquei rapidamente se havia rasgado alguma

coisa ou apertado algum botão, mas tudo parecia bem.

- Uau! - disse Taranee quando me viu, com o mesmo olhar assustado no rosto. - Você parecia feroz lá fora.

- Eu só estava tentando manter Uriah e seus comparsas quietos, - murmurei. - Aqui, você pode me ajudar com o zíper traseiro? Eu não consigo fazer isso.

- Bem, você certamente fez as pessoas olharem para você! - Taranee disse. - E tirei uma foto realmente ótima.

Saí do vestido turquesa e coloquei um vermelho decorado com miçangas que faziam parte do estilo único de Hay Lin. Ela estava fazendo gestos frenéticos com as mãos para que eu me apressasse. Comecei a subir as escadas.

- Sapato! - Taranee sussurrou. - Você precisa trocar de sapato!

Opa. Não, as sandálias turquesa certamente não combinaram com o vestido vermelho. Fale sobre uma decisão difícil! Eu quase cometi uma grande gafe na moda. Rapidamente os tirei e, saltando de um pé para o outro, coloquei os escarlates que Taranee me entregou. Tive um segundo para me acalmar; Respirei fundo e era hora de subir ao palco novamente.

- O que é isso no seu cabelo? - perguntou Hay Lin quando passei por ela.

- O que? - Eu murmurei.

- Pronto, aquela coisa verde... não, deixa pra lá, você está pronta! - ela disse, me empurrando.

Verde? Não tive tempo de verificar.

Eu tinha visto desfiles de moda. Mas até eu estar realmente em um, eu não tinha percebido o quão louco era estava nos bastidores das modelos. Como eles conseguiram parecer tão calmos?

O show transcorreu em um borrão de fechar e descompactar, verificações rápidas no espelho, dicas musicais e aplausos. As pessoas aplaudiam cada vez que um vestido novo aparecia. E embora Hay Lin ainda parecesse superocupada, seu sorriso se transformara em um sorriso enorme e feliz.

Quando chegou a hora do final, todas as modelos subiram ao palco usando diferentes vestidos brancos e segurando flores rosa. Hay Lin estava no centro do palco, brilhando como um pequeno sol, curvando-se para o público animado. Até notei Uriah e sua turma batendo palmas. Claro, isso pode ter algo a ver com a Sra. Knickerbocker, nossa diretora, parada bem atrás deles.

Foi então que aconteceu. Pelo canto do olho, vi um clarão verde. E então as flores rosa em minhas mãos floresceram completamente.

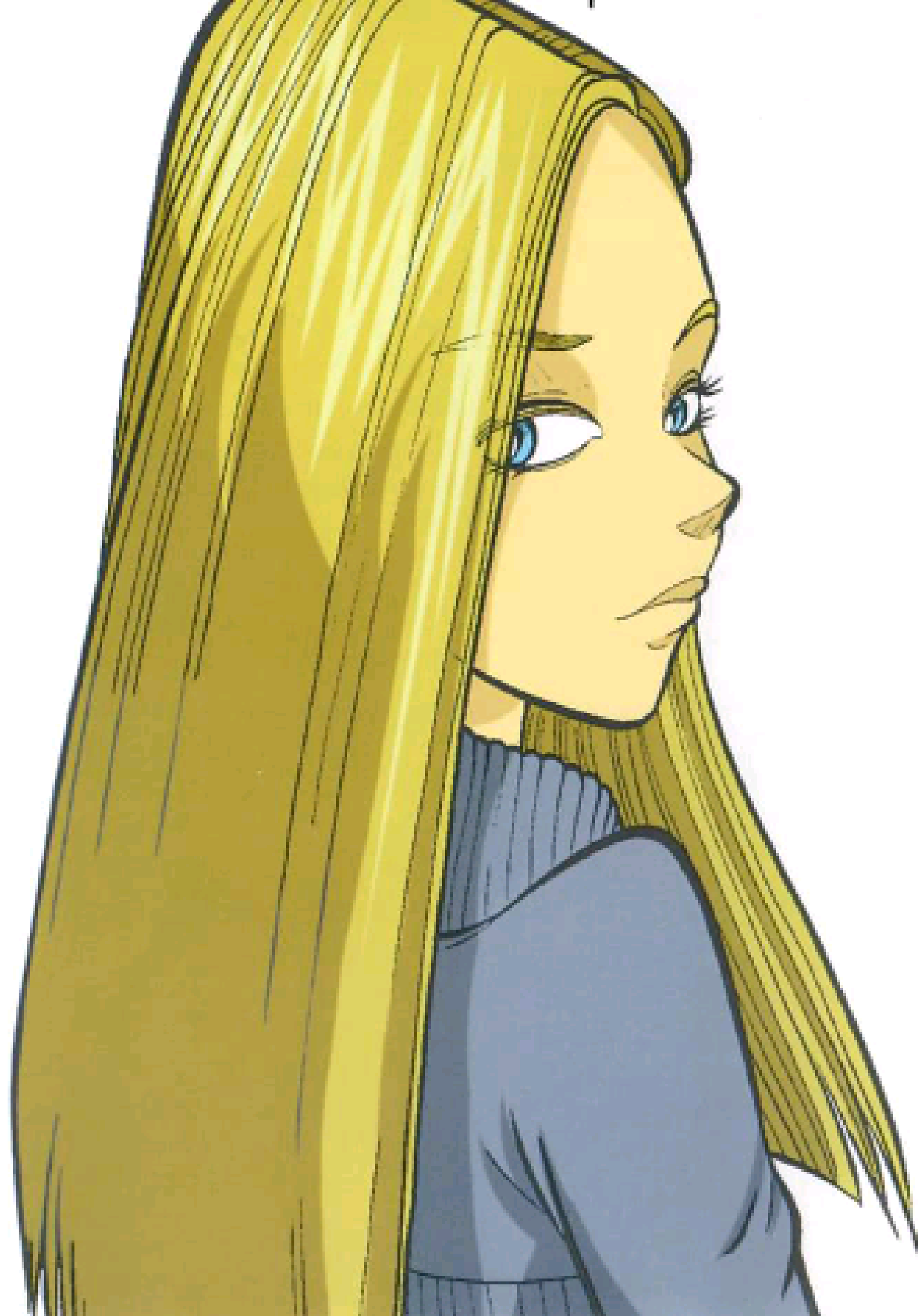
A multidão disse: "Oh!" e então começou a bater palmas ainda mais ferozmente.

- Grande efeito! - alguém gritou.

Fiquei apenas olhando para a flor, querendo me livrar dela, jogar fora. Primeiro o hibisco da minha mãe, agora isto. O *que estava acontecendo*?

Atrás de nós, as luzes diminuíram e algumas pessoas começaram a sair, enquanto outras ficaram nos bastidores para parabenizar Hay Lin e as “modelos”.

- Obrigado, Cornelia - disse Hay Lin, me dando um abraço. - Obrigada por toda sua ajuda. E pelo efeito especial... Belo toque de primavera, garota da terra, - ela sussurrou, sorrindo.

- Mas eu não queria fazer nada... - eu disse. E eu não tinha. Essa deveria ter sido minha primeira pista de que algo estava errado. Infelizmente, em meio a toda a loucura do pós-show, a pequena explosão de verde escapou totalmente da minha mente. Olhando para trás, não consigo imaginar como pude estar tão inconsciente. Algo estranho estava definitivamente acontecendo – e girava em torno de mim.

Capítulo 2

- Cornélia, acorde! - Lilian disse, pulando para cima e para baixo na minha cama como uma maníaca.
- Vá embora - eu respondi com voz rouca. - Some daqui!
- Você está no jornal, - disse ela.
- Olha, apenas suma... o quê? - Eu tentei concentrar-me no que ela acabara de dizer. - O que você disse?
- Sua foto está no jornal - respondeu Lilian. Ela saiu correndo da sala cantando: - Cornelia está no jornal! Cornélia está no jornal!

Tropecei para fora da cama e desci rapidamente as escadas. Eu meio que esperava que meus pais aguardassem ansiosamente minha aparição. Eu estava errada.

Na cozinha, papai tomava seu café da manhã calmamente e folheava o jornal.

- Oi, querida. Bela foto - disse ele.
- Deixe-me ver! - Eu disse, olhando para a mesa onde o papel estava espalhado

Ele empurrou o jornal em minha direção. E aí estava. "**SHEFFIELD DEFINE A MODA"**, dizia a legenda, e embaixo havia uma grande foto colorida minha olhando por cima do ombro. Obviamente foi o momento em que olhei para Uriah. Só que na foto eu parecia mais intensa do que zangada e o vestido turquesa fazia meus olhos parecerem incrivelmente azuis.

- Eu... eu pareço uma modelo de verdade - eu disse.

Meu pai sorriu para mim.

- Você é definitivamente uma garota incrível - disse ele. - Você sempre foi.
- Não, quero dizer, eu pareço… muito bem. - Foi como uma

verdadeira foto glamourosa. Normalmente, quando me olho no espelho, vejo um cabelo que gostaria que tivesse um pouco mais de cachos, um nariz um pouco estreito demais. Mas esta foto mostrou algo completamente diferente disso.

- Sua amiga Taranee que tirou, - disse ele.

As palavras "**FOTO: TARANEE COOK"** estavam impressas no canto. O artigo foi supercomplementar. Falava sobre o desfile de moda e sobre Hay Lin, e havia um breve comentário da Sra. Knickerbocker sobre como "*sempre incentivamos tendências criativas em nossos alunos".*

- Tenho que ligar para as outras - eu disse - e ter certeza de que todas viram isso. Eu não posso acreditar!

E foi então que notei outra história na página.

ÁRVORE DE FAIA QUE QUEBRA RECORDES

ONTEM UMA ÁRVORE GIGANTE NO PARQUE HANABAKER, CONHECIDA COMO FAIA HANABAKER, ESTAVA CHEIA DE NOVAS FOLHAS DE PRIMAVERA UM MÊS ANTES DO ESPERADO.

"NUNCA VI NADA IGUAL", DISSE O CHEFE DE PESSOAL THOMAS GREENBOW, "E TRABALHO NESTE PARQUE HÁ QUASE TRINTA ANOS." OS METEOROLOGISTAS DIZEM QUE AS TEMPERATURAS "NÃO ESTÃO ACIMA DA MÉDIA", MAS OUTROS CRESCIMENTOS NÃO SAZONAIS NO PARQUE ATESTAM O FATO DE QUE A PRIMAVERA DEFINITIVAMENTE CHEGOU MAIS CEDO!

Provavelmente foi coincidência e não significava nada. Mas eu ainda tinha a sensação incômoda de que algo estava acontecendo. Não pude deixar de me lembrar das flores do espetáculo que desabrocharam de repente. E ontem, a caminho do ensaio geral, passei pelo Hanabaker Park e bem perto da-

quela mesma árvore. A história parecia estranha. E eu estava começando a me sentir estranha também!

- Nunca pensei que diria isso a você, - disse Irma. - Mas, falando sério, Cornelia, acho que você está apenas imaginando coisas. É primavera. Normalmente, as árvores ganham folhas na primavera.

- Essa não, Irma, isso não pode ser coincidência! - Não pude deixar de levantar a voz. Minhas amigas pensaram que eu estava inventando coisas. Isso estava começando a me dar vontade de gritar, embora estivéssemos no meio do refeitório da escola.

- Ah - disse Irma, me olhando. - Então, naturalmente, esse novo crescimento deve ter algo a ver com você?

- Pode ser o aquecimento global, - disse Taranee, tentando me acalmar.

- Não tem estado particularmente quente. - Eu respondi.

- Mas você não consegue sentir se está fazendo algo mágico? - Will perguntou, dando uma mordida no sanduíche dela. - Pessoalmente, não acho que tenha feito nenhuma mágica não intencional desde... bem, pelo menos não há muito tempo.

- O que mais poderia ser? - Eu perguntei, olhando ao redor da mesa.

Nossas cabeças estavam todas juntas e formamos uma pequena parede porque esse não era o tipo de discussão que queríamos compartilhar com o mundo inteiro, ou, neste caso, com todo a cantina do Instituto Sheffield.

Felizmente, como membros do W.I.T.C.H., éramos muito boas nisso tudo. Por isso foi um grande choque quando o flash de um fotógrafo disparou subitamente na nossa cara. Assusta-

da, olhei para cima e acabei pegando o próximo flash bem nos meus olhos.

- Ei, pare com isso… - eu comecei.
- Aah, por favor, Sra. Hale, só mais um. Vamos lá, dê-nos o famoso sorriso...

Embora eu mal conseguisse enxergar entre todos os pontos dançando diante dos meus olhos, ainda reconheci o rosto feio de Uriah.

- Vá embora, Uriah! - Eu rebati com raiva. Uriah sempre aparecia onde era menos desejado.

Ele continuou pulando e tirando fotos como se fosse um tipo de paparazzi.

- Olhe para cá, Sra. Supermodelo Gostosa - Uriah gritou. - Trabalho maravilhoso...

Percebi que as pessoas estavam realmente rindo. Foi ridículo. Tive vontade de fazer Uriah engolir sua câmera. Isso lhe serviria bem. Mas consegui me controlar e, em vez disso, dei-lhe meu sorriso mais doce.

- Muito engraçado, Uriah, - eu disse. - Aqui vai uma pergunta. Você acabou de comprar essa câmera?

Ele pareceu um pouco surpreso com a minha calma resposta, como se eu não estivesse seguindo o roteiro que ele tinha em mente.

- Sim - ele disse. - É nova. Por quê?
- Bem, espero que ela seja do tipo resistente, - eu disse com uma cara séria. Não foi exatamente uma piada, mas foi o suficiente para fazer a maior parte do público do refeitório rir de Uriah em vez de rir com ele.
- Ha-ha, - ele disse, e se virou e saiu mal-humorado do refeitório.

O sinal tocou e todos corremos para a aula. Eu estava pensando na sugestão de Taranee sobre o aquecimento global durante o resto do dia. Eu ainda estava pensando na perspec-

tiva do aquecimento da Terra quando saí da escola. Um flash brilhante interrompeu meus pensamentos. Fiquei cega novamente pelo flash de um fotógrafo.

- Uriah! - Eu agarrei. - Uma vez é engraçado, duas vezes é simplesmente...

E então parei, percebendo que não era Uriah quem estava tirando as fotos.

- Sra. Hale? - disse o estranho esperando do lado de fora da sala de aula. - Só mais uma foto, por favor. E depois gostaria de conversar um pouco com você, se estiver tudo bem para você.

- Eu? Sobre o quê? - Eu disse, assustado. Quem era esse cara? Ele parecia um pouco perfeito demais para ser de Heatherfield. Ele era bronzeado demais, um pouco arrumado demais, com um corte de cabelo que parecia caro e uma camisa cor de canela que combinava com seus olhos. Seus sapatos também eram marrons. Eu notei, e ele usava calças de linho brancas. No geral, ele estava muito bem montado.

- Meu nome é A. C. Jones - disse ele, estendendo a mão. - Basta me chamar de Acey; a maioria das pessoas o faz. Sou assistente pessoal de Tony Sacharino, o estilista. E hoje é seu dia de sorte! - Ele sorriu e deu-lhe uma piscadela. - O Sr. Sacharino viu a sua foto no jornal de ontem, você realmente chamou a atenção dele. Ele achou que você realmente chama a atenção da câmera. Você já fez alguma modelagem profissional? Fotografia de moda, quero dizer?

- Não, - eu disse. Havia crianças correndo tentando chegar à aula. Suas próximas palavras me pegaram totalmente desprevenida.

- Bem - ele disse, sorrindo brilhantemente - você gostaria?

- A linha de roupas se chama "*Fairy-Tales Fantasies*" - eu disse animadamente. Eu estava tentando manter a calma, mas era impossível. - E o Red Hot está escrevendo seis páginas inteiras sobre eles, e eles querem que eu participe das filmagens. Por favor, por favor, por favor, Mãe... posso fazer isso? Eles vão até me pagar.
- Cornelia, querida… - minha mãe começou hesitante.

Eu não dei a ela a chance de terminar.

- Só levará dois dias, e fica perto. Bem perto de Heatherfield, na verdade, em Ladyhold, você sabe daquela casa realmente linda que parece um castelo? E Acey ainda disse que eu poderia trazer algumas amigas, contanto que elas não atrapalhem. Pense em como seria emocionante para Hay Lin observar um designer profissional trabalhando...

Minha mãe não parecia emocionada.

- Cornelia - ela disse - você tem apenas quatorze anos.

Contive um gemido. *Lá vamos nós de novo,* pensei.

- Mas mãe, seria muito divertido! - Eu implorei.
- Você realmente ficará feliz em ficar na frente de uma câmera por dois dias e não fazer nada além de sorrir? - Mamãe perguntou em um tom preocupado. - Ou fazer beicinho, ou o que quer que as modelos devam fazer hoje em dia… - Sua voz sumiu.
- Modelar os vestidos de Hay Lin foi incrível - expliquei. - E isso seria... isso seria ainda mais incrível porque é real. Eu seria uma modelo de verdade, e todo mundo lê Red Hot, até você, mãe…
- Até eu? - ela disse maliciosamente, e notei um brilho em seus olhos que eu esperava que fosse humor. - Você está insinuando que estou velha demais para me interessar por moda? Que não sou legal e descolada como todos os suas amigos? É isso que você está dizendo?
- Não, claro que não - eu disse levemente.

- Bom. - Ela sorriu, e eu percebi que por um momento ela estava me provocando. Então ela ficou séria novamente.
- Modelar é um mundo muito superficial, Cornelia. Não tenho certeza se quero que minha filha faça parte dele. - Ela parou para me olhar com atenção. - Pelo menos, não até você ficar um pouco mais velha, de qualquer maneira.

Ela ia dizer não. Eu sabia que deveria ter perguntado ao papai primeiro. Só que eu tinha certeza de que ele teria dito: "*Vá perguntar à sua mãe".*

- Mãe, você acha que sou uma pessoa superficial? - Perguntei.

Minha mãe me deu um abraço.

- Não. Cornélia, eu não acho isso.
- Bem, você acha que de repente vou me tornar uma pessoa superficial, só porque alguém tira fotos minhas por dois dias?

Houve um longo silêncio. Prendi a respiração.

- Você realmente quer fazer isso? - ela perguntou. Balancei a cabeça vigorosamente.
- E Hay Lin estará lá? - ela disse. - E provavelmente uma ou duas das outras. Você também pode ir, se quiser. - Senti minha voz começar a ficar mais alta à medida que ficava cada vez mais animada. Estava começando a parecer que isso poderia realmente acontecer!
- Bem, estarei muito ocupada na próxima semana - disse minha mãe, - mas talvez eu possa dar uma olhada em você por mais ou menos uma hora.
- Você quer dizer que eu posso fazer isso? - Eu gritei.
- Se o seu pai concordar - disse ela.

Ele faria isso, e nós duas sabíamos disso. Mamãe tinha sido o verdadeiro obstáculo. Joguei meus braços em volta dela e lhe dei um abraço enorme.

- Ah, obrigado! Obrigado, obrigado, obrigado! - Chorei. - E

eu prometo, não vou ficar toda louca e superficial. Eu vou... vou ler um livro de filosofia durante as filmagens, ou algo do tipo.

Ela riu.

- Talvez você devesse tentar fazer sua lição de casa.

Durante o resto daquela semana, fiquei feliz por não pensar em nada além da *Fairy-Tales fantasies* e nos vestidos incríveis que usaria. Accey Jones, ainda muito arrumado e ainda mais bronzeado, me mostrou esboços das roupas, e eles eram de tirar o fôlego. Mas, infelizmente, a vida real, ou nem tão "real" assim, continuou se intrometendo. E no jantar uma noite a confusão realmente atingiu o alvo.

- O terreno em frente ao nosso prédio está cheio de mato - reclamou meu pai. - Parece terrível. Não deveríamos ter alguém que cuida disso?

- Já liguei para eles - respondeu minha mãe, - e eles disseram que vieram ontem! Você pode imaginar? Isso é simplesmente impossível. Devem ter se passado pelo menos duas semanas.

Olhei para o meu prato e fingi estar interessado na minha comida. O pessoal do paisagismo realmente esteve lá um dia antes de eu tê-los visto. Eles cortaram a grama e apararam as plantas. Não era culpa deles que as ervas daninhas já tivessem voltado e o gramado estivesse coberto de mato.

Eu estava com medo de que pudesse ser minha culpa.

Eu tinha evitado o Hanabaker Park durante toda a semana e ido para a escola de uma maneira diferente, embora demorasse mais. Agora as árvores ao longo daquela rua em particular tinham folhagem verde brilhante, um mês antes do normal. O hibisco da mamãe quebrou outra vasilha, felizmente eu era a

única em casa quando isso aconteceu. E o gramado em frente à entrada principal do Instituto Sheffield ficou subitamente coberto por narcisos que ninguém se lembrava de ter plantado.

Além de todo o comportamento maluco das plantas, nas últimas noites eu vinha tendo o mesmo sonho horrível, noite após noite. Era vago, sem imagens, na verdade, apenas sensações, mas ainda assim era assustador. O sonho começou com uma estranha sensação de vasto vazio. Como estar em um deserto. Não havia vida em lugar nenhum. E então o vazio desapareceu, e ouvi uma voz, uma voz minúscula dentro da minha cabeça que dizia: *O verme... o verme está chegando.*

Eu não tinha ideia do que a voz estava falando. Que verme? Embora eu não soubesse o que estava acontecendo, o aviso me encheu de pavor. A sensação me encheu de uma onda de medo tão forte que acordei com o coração batendo forte e as palmas das mãos suando.

Demoraria um pouco até que eu estivesse calma o suficiente para voltar a dormir. Eu estava cansada das noites sem dormir; Eu estava um desastre. Isso pode ter explicado por que, durante a aula de arte de quinta-feira, eu estava mais ocupada bocejando e girando o lápis do que desenhando.

Ouvi Will pigarrear.

- Er... Cornélia… - ela sussurrou.
- O que? - Eu disse.
- Seu lápis… - ela começou, apontando para minha mão.

Meu lápis? O que havia de errado com meu lápis?

Acontece que havia muita coisa errada com meu lápis. Olhando rapidamente em volta para ter certeza de que mais ninguém havia notado, enfiei o lápis na bolsa e peguei uma caneta. Não havia nenhuma maneira de deixar a Sra. Wharton, nossa professora de artes, e o resto da turma verem que o lápis de madeira amarelo com o qual eu estava brincando tinha

de repente brotado duas folhas minúsculas, perfeitas e verde-claras.

Sim, certamente algo estava errado em Heatherfield. A terra parecia estar repleta de energia extra, e essa energia não vinha dos meus poderes.

Capítulo 3

No dia seguinte eu estava no meio de uma grave crise de moda. Eu usaria o suéter lilás ou o verde? Levantei um, depois o outro, e olhei criticamente para mim mesmo no espelho. O suéter verde combinava bem com a saia que eu usava, mas o lilás combinava melhor com a minha pele. Foi uma escolha difícil. Eu não queria chegar em Ladyhold parecendo alguém sem senso de moda.

- Comelia! Hay Lin está aqui - meu pai me chamou. - E o Sr. Jones disse que você tinha que estar lá às nove.

Verde ou lavanda? *Lavanda ou verde?*

- Só um segundinho - respondi, arrancando o suéter lilás e vestindo uma camisa rosa nova. *Isso está ficando fora de controle*. Eu tinha que me acalmar. Eu realmente não sabia se essa peça que escolhi era melhor, mas naquele momento, eu só precisava usar alguma coisa.

- Cornélia! - Meu pai estava começando a parecer muito impaciente.

- Estou chegando! - Eu gritei.

Na sala, Hay Lin estava esperando por mim. Como sempre, ela estava incrível. Ela estava vestida com meia-calça listrada e uma minissaia, com um par de óculos enormes colocados no topo da cabeça. Eu a invejei. Hay Lin não precisava consultar revistas de moda como a *Red Hot* para saber o que vestir, ela tinha seu próprio estilo pessoal, que estava sempre em alta.

- Eu pareço bem? - Eu perguntei nervosamente.

- Linda como em uma fotografia… - disse meu pai.

O que ele sabia? Ele era meu pai. Virei-me e olhei para Hay Lin.

- Sério, está tudo bem? - Eu perguntei a ela.
- Você está ótima - disse Hay Lin, e sorriu alegremente.

Deixei escapar um pequeno suspiro de alívio.

Lilian entrou saltitante na sala, comendo um muffin de mirtilo. Quando ela me viu, ela ficou parada.

- Você está tão bonita - disse ela.
- Obrigado, Lilian - eu disse. Eu estava me sentindo melhor com minha escolha.

De repente, senti-me todo pegajosa. O que estava errado comigo? Como fui tão baixa a ponto de considerar as opiniões de moda da minha irmã mais nova? Este foi um sinal horrível. Eu precisava me controlar.

- Você parece uma modelo de verdade! - Lilian acrescentou enquanto corria para me dar um abraço.
- Oh não! - Hay Lin engasgou.

Segui o olhar de Hay Lin e olhei para minha camisa.

Havia manchas azuis na minha nova camisa rosa.

- Lílian! - Eu gritei. - Olha o que você fez! Essa roupa era perfeita!
- Você parece o cachorro da Sra. Gilberts, - disse ela. - sabe, aquele chamado Spot. Exceto que Spot não é rosa, é azul.

Ela parecia não ter absolutamente nenhuma ideia do desastre que isso era. Eu não aguentava mais. Eu perdi a paciência.

- Você tem que ser um desastre completo, Lilian? - Eu gritei. - O que há de errado em comer à mesa?
- Eu não sou um desastre! - Lilian disse, com os olhos cheios de lágrimas. Então ela se virou e saiu correndo da sala.
- Cornélia! - minha mãe disse severamente enquanto observava Lilian sair. - O que você disse para sua irmã?
- Eu não disse nada - respondi. - Olha o que ela fez com a minha camisa! - Apontei a mancha na minha camisa.

Por um momento, mamãe pareceu querer dizer alguma coisa, mas então ela apenas suspirou e disse:

- Acho que é melhor você se trocar. E rápido, seu pai tem que estar no trabalho às nove e meia.

- "*Abaixe o queixo, por favor, e olhe diretamente para a câmera.*
- *"Vire a cabeça, continue girando... bom! Agora espere!"*
- *"Levante o braço. Um pouco mais alto."*
- *"Mantenha-o aí, segure-o, segure-o..."*
- *"Maquiagem! Alguém pode fazer algo sobre esse brilho!"*
- *"Eu disse, levante esse braço!"*
- *"Não sorria, pareça intensa."*
- *"Querida, isso não é intenso, isso é uma carranca!"*

Já se passaram algumas horas de filmagem e não estava indo como eu esperava. Na verdade, foi um pesadelo vivo.

Meus braços doíam. Minhas bochechas doíam. Minha cabeça latejava. Meus pés doem. E eles colocaram uma coisa no meu cabelo que estava fazendo meu couro cabeludo coçar incontrolavelmente.

- *"Cornelia! Por favor, controle-se e tente não arranhar! Katie, você vai arrumar o cabelo dela de novo?"*
- *"Podemos ter um pouco mais de luz aqui?"*

Eu imaginava que as sessões de fotos seriam muito divertidas. Isto com certeza não foi nada divertido. Parecia que todo mundo estava me dando ordens. As pessoas continuavam a preocupar-se com a minha maquiagem ou com o meu cabelo ou com a forma como a luz incidia sobre o meu rosto ou com a forma como eu erguia o meu braço, ou... um milhão de outras coisas que tinham de servir para a fotografia das "*criações maravilhosas*" do Sr. Acey.

E era verdade: as criações eram maravilhosas, o que, pelo menos em parte, compensava todas as outras coisas chatas que eu tinha de fazer. No momento, eu usava uma capa e um vestido escarlate de seda, o que me fazia parecer como se estivesse envolta em enormes pétalas de rosa. Eu deveria me parecer com Chapeuzinho Vermelho, embora eu não ache que Chapeuzinho Vermelho teria ido muito longe na floresta densa com aquela roupa, a capa teria ficado presa em uma árvore ou arbusto no segundo em que ela vagasse fora da trilha.

- Querida - disse o fotógrafo, - Por favor, tente parecer um pouco mais impressionado com o lobo.

- Sinto muito - eu disse me desculpando. - É só que... ele não parece muito perigoso.

Era verdade. Acey Jones estava "atuando" como o Lobo e, apesar do volumoso casaco de pele, não parecia muito parecido com um predador faminto ou assustador. Na verdade, ele parecia mais um executivo com medo de pegar um resfriado.

- Acey, você poderia tentar assustá-la mais?

Acey suspirou e então me lançou um olhar duro que me fez pular de surpresa... e medo. Parecia perfeitamente genuíno e perfeitamente ameaçador.

- Bom, e agora chegue um pouco mais perto dela… - o fotógrafo começou a dizer.

Acey deu um passo e tropeçou em um nó de trepadeiras que parecia ter surgido do nada, bloqueando seu caminho.

Ah, não, pensei. Isso de novo não! Isso não pode estar acontecendo. Eu não aguento mais esses surtos descontrolados de crescimento de plantas.

Imediatamente, pelo menos quatro pessoas apareceram para ajudar Acey a se levantar. Ele afastou as mãos deles e se levantou sozinho, parecendo amarrotado e absolutamente furioso. Como o assistente pessoal do Sr. Sacharino, ele não es-

tava habituado a ser constrangido publicamente. Os óculos escuros que ele usava haviam caído e pedaços de videira estavam grudados em seu casaco de pele cinza.

- Por que ninguém se livrou de todas essas plantas antes de começarmos a filmar? - ele rosnou. - É como uma selva aqui!

Alguns funcionários olharam em volta, intrigados. Eu também estaria. Eles provavelmente estavam pensando que o lugar não parecia uma selva assim um momento antes. Quando Acey Jones rosnou para mim, algumas das vinhas ao nosso redor criaram instantaneamente gavinhas verdes que tentaram agarrá-lo. "*Pare com isso, pare com isso, pare com isso,*" sussurrei para mim mesma.

Por que isso não poderia simplesmente parar? O que está acontecendo?

O verme. O verme está chegando.

Eu ouvi aquela vozinha novamente em minha mente. Senti uma onda de medo tomar conta de mim.

O som da voz do fotógrafo me trouxe de volta ao presente.

- Sim, tudo bem, querida, agora não exagere. Queremos excitação, não terror. Maquiagem, por que ela está tão pálida? Você pode fazer algo sobre isso, por favor?

- Sinto muito - eu disse sem fôlego. - Acho que tenho que me sentar...

- Não se mova! - gritou o estilista com voz angustiada. Mas já era tarde demais: meus joelhos cederam e eu desabei no topo das vinhas e dos galhos ao meu redor.

- Oh, meu Deus! Você está bem, querida? - gritou o fotógrafo.

- Me desculpe - eu sussurrei, ainda me sentindo tonta. Para não mencionar um pouco envergonhada. Foi só então eu senti, uma onda de medo como nos meus sonhos, só que desta vez eu não estava sonhando.

- Vamos fazer uma pausa para o almoço - disse o fotógrafo. - Vamos pegar algo para você comer e esperamos que você se sinta melhor. Não podemos deixar nossa estrela desmaiar agora, podemos? - Ele acenou com a cabeça para Acey, que tomou isso como uma deixa para pegar a comida.

Dando-me um olhar fulminante, Acey se afastou, murmurando algo sobre *"amadores, desconhecidos e garotas tolas e impulsivas".* O sorriso brilhante que ele me lançava tantas vezes quando me persuadia a ir às filmagens parecia ter desaparecido para sempre.

Eu finalmente estava começando a me sentir menos tonta, então comecei a me levantar.

- Espere, cuidado.... - alertou a estilista, que estava mais preocupada com o vestido, claro, do que comigo.
- O vestido está bom? - Perguntei ao estilista. Eu teria me sentido ainda pior se o tivesse destruído quando caí.

Ela me olhou.

- Bem, sim... tudo parece perfeitamente bem - disse ela em tom perplexo enquanto examinava o vestido.

Mas eu tinha uma leve suspeita de que não estava tudo bem. Nem um pouco.

- Isso é tão legal! - Taranee disse enquanto olhava ao redor da sessão de fotos. Eu poderia dizer que Taranee ficou impressionada com todo o equipamento fotográfico.
- Você está se divertindo? - perguntou-me Irma, animada, enquanto examinava a grande mala cheia de maquiagem que estava em uma cadeira próxima. Minhas amigas passaram pelas filmagens para me dar apoio e, claro, para conferir a cena. Não era todo dia que elas viam uma sessão de fotos ao vivo de verdade.
- Bem - eu disse. - Eu não sei sobre diversão. - Ainda está-

vamos na hora do almoço, mas eu não estava com muita fome.

Com fome. Com fome. O verme está com fome.

- Cornelia! O que há de errado? Você está tremendo! - Will disse, agarrando minha mão.
- Eu não sei o que há de errado comigo! - Eu sussurrei. Era verdade que minhas mãos tremiam.
- Você está nervoso com a filmagem? - Hay Lin perguntou gentilmente.
- Não. Sim. Mas não é isso. - Hesitei, mas decidi que precisava contar a eles. - Tenho tido esses sonhos... pesadelos, na verdade, e uma sensação de medo. - Tentei descrever como eram os sonhos, mas era difícil explicar. - Agora parece que eu tenho essas visões durante o dia também. Vocês acham que estou ficando louca?

Irma me lançou um olhar astuto.

- Poderia ser - disse ela. - Sim. Na verdade, tenho certeza de que é isso que está acontecendo.
- Irma! - Will disse, cutucando seu lado com um cotovelo.
- Ai! Ah, vamos lá - disse Irma. - Eu só estava brincando...
- Bem, talvez ela não esteja com vontade de ser provocada! - Will disse severamente.

Mas para ser honesta, eu meio que estava. Embora eu geralmente odiasse suas provocações, havia algo reconfortante na brincadeira de Irma naquele momento. Se Irma tivesse pensado, mesmo por um momento, que eu realmente poderia estar perto de perder o controle, ela nunca teria brincado.

- Cornelia, sério, - disse Taranee, - você é a pessoa mais sã e sensata que conheço.
- Tudo bem, então, mas se eu não estou louco, o que está acontecendo? - Perguntei.
- Coisas estranhas - disse Hay Lin, como se essa simples

resposta explicasse alguma coisa. Ela havia testemunhado o episódio das vinhas crescendo aleatoriamente antes, então ela sabia que algo estranho estava definitivamente acontecendo.

- Você acha que nós deveríamos ir falar com o Oráculo? - perguntou Will. - Ele sempre parece ter uma resposta, ou pelo menos uma sugestão.

- Eu honestamente não sei. - Eu disse. - O que vamos dizer a ele? Quero dizer, não podemos ir ao Oráculo toda vez que uma de nós tem um pesadelo. Nós deveríamos ser mais fortes do que isso.

- Acho que isso conta um pouco mais do que um pesadelo - disse Hay Lin com naturalidade.

- Sim, mas ainda assim… - minha voz sumiu.

Ficamos sentados em silêncio por um tempo, todos separadamente tentando pensar em um plano que tornaria tudo melhor. Eu não estava tendo sorte.

- Er... Cornélia? - Hay Lin pigarreou. - Você poderia largar o prato? Meus amendoins estão brotando...

Horrorizado, arranquei minha mão.

- Isto tem que parar! - Eu disse em voz alta.

De repente, um monte de fotos brilhantes pousou na mesa na frente de nós cinco. Todas nós saltamos para trás, assustadas.

- Sra. Hale - disse Acey Jones em um tom ácido. - Venha ver essas fotos.

Eu olhei as fotos. Eram fotos da sessão daquela manhã, algumas de mim no salão de baile de Ladyhold com um vestido longo, azul, como uma princesa, e algumas de mim com a roupa de Chapeuzinho Vermelho que ainda usava.

- Elas parecem ótimas! - disse Taranee com entusiasmo.

Acey Jones fez uma careta para ela. Ele estendeu a mão e pegou um close claro, nítido e brilhante da pilha.

- Ótimo? - ele perguntou. - Eles são completamente inúteis!

Veja isto!

Na foto que ele mostrou para mim, estranhas faíscas verdes pareciam flutuar em volta do meu rosto. Acey Jones puxou outra fotografia da pilha e jogou na minha cara.

- E isto! - ele gritou.

Mais manchas verdes na fotografia.

- E isso. E isso! Cada um! - ele gritou.

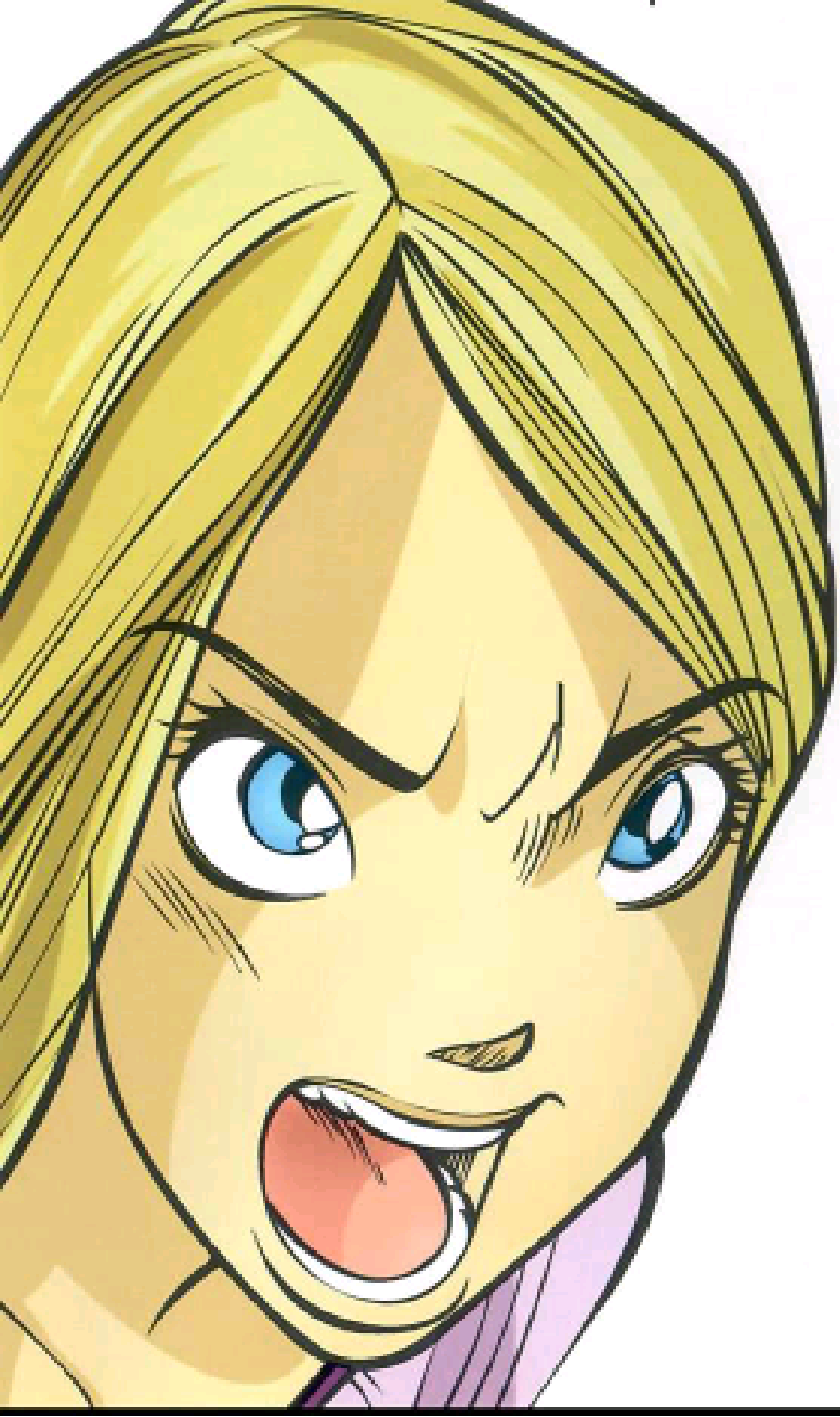
Ele estava certo. Eles estavam lá, em todas as fotos que foram tiradas de mim, pequenos flashes verdes de luz, em meu cabelo, ao redor do meu rosto e dançando ao longo das bordas dos vestidos que eu usava.

- Verificamos o filme. Verificamos as lentes. Verificamos as luzes e as câmeras. Verificamos tudo - disse ele. - Não tenho certeza de quais truques você está fazendo aqui, mas esses joguinhos não serão tolerados.

- Sinto muito - eu disse. - Mas eu realmente não vejo…

- Um dia inteiro de filmagem desperdiçado, Sra. Hale, por sua causa - disse Acey. - Você tem noção de quanto isso custa?

- Mas não é… - comecei a responder. Acey nem se preocupou em me ouvir.

- Eu não sei exatamente o que está acontecendo com você - disse Acey. - Nem tenho certeza se quero saber. Mas sei que erramos ao contratar uma amadora. Você está demitida, Sra. Hale.

Capítulo 4

Eu corri pelo jardim ao redor de Ladyhold até chegar aos portões. Parei cambaleando, quase sem fôlego, e meus olhos cegos pelas minhas próprias lágrimas.

Eu não estava chorando só por ter sido demitida. Eu estava chorando por tudo, todas as coisas estranhas que estavam acontecendo e os sentimentos que eu não conseguia explicar. Você poderia pensar que alguém que tivesse poder sobre a Terra, alguém que fosse um Guardião, teria mais autocontrole. Mas não o fiz.

Às vezes parecia que meu poder só me trazia dor. De certa forma, culpei meu poder por tirar Elyon, meu melhor amigo, de mim. Agora ela governava Meridian e definitivamente nunca mais estaria sentada ao meu lado na aula compartilhando segredos ou desenhando em seu caderno, enquanto ficávamos acordados até tarde da noite conversando.

E então havia Caleb. O amor da minha vida, que por acaso vivia em outro mundo e era o líder de uma resistência rebelde. Por que eu não poderia apenas ser como Will e me apaixonar por alguém como Matt Olsen? Alguém com quem eu poderia estar todos os dias, no meu próprio mundo. Mas não, eu tive que me apaixonar por um garoto que nunca iria simplesmente passar por aqui para comer uma fatia de pizza ou me levar para um baile da escola.

Triste. Tão triste. Desculpe.

Lá estava ele de novo. Aquela vozinha minúscula que era mais um sentimento do que um som. Um sentimento de tristeza e arrependimento.

Pisquei para afastar as últimas lágrimas de raiva. Flutuando na frente do meu rosto, a menos de 25 centímetros do meu nariz, havia uma faísca verde. Uma pequena luz verde brilhante que de alguma forma tinha voz. Mais uma vez, me senti confusa. Nada mais fazia sentido.

- Quem é você? - Eu deixei escapar.

Não houve resposta real. Apenas um sentimento geral de afeto que parecia traduzir-se na palavra amigo.

Então eu notei algo. Havia mais do que apenas uma das manchas verdes brilhantes na minha frente. Na verdade, havia muitos mais. Centenas de pequenas faíscas agora pairavam ao meu redor. Mas aquele que passava na frente do meu nariz era o maior do grupo, mais uma mancha do que uma faísca.

Ao meu redor, a campina, que pouco antes parecia estéril, explodiu numa massa de botões de ouro brilhantes. Fiquei cega pela brilhante tela dourada. E as árvores nuas não estavam mais nuas. As folhas novas da primavera enrolavam-se suavemente na ponta de cada galho, fazendo as árvores explodirem em verde.

- É você - eu disse, a compreensão de repente me ocorreu. - Você tem feito isso. Todo o crescimento.

- Cornélia? Cornélia, você está bem?

Eu pulei ao som do meu nome. Era a Will. Eu estava tão envolvida conversando com as faíscas que não ouvi ela ou as outras se aproximando.

- Estou bem - gritei de volta. - Como você me encontrou aqui?

Minhas quatro amigas vieram para a campina e se reuniram ao meu redor.

- Tudo o que tínhamos que fazer era seguir o caminho do

verde - disse Hay Lin. - Cornelia, talvez seu poder realmente tenha enlouquecido - Ela fez um gesto em direção aos botões de ouro e às árvores floridas.

- Não, não foi - eu disse, aliviada por poder dizer isso e ser sincera. Eu estava no controle total. - Correção, foram ele e os seus amigos estão fazendo isso. Olhem...

Naquele momento, cada centelha verde desapareceu.

- Oh, suas coisinhas tímidas - murmurei suavemente, tentando não assustar as faíscas verdes. - Saiam e conheçam minhas amigas!

Não houve resposta. Taranee tinha uma expressão no rosto que dizia claramente que ela achava que eu poderia estar realmente enlouquecendo.

- Acho que eles estão com medo - eu disse. - Will, você poderia mostrar o Coração a eles? Acho que isso pode ajudá-los a confiar em você.

- Mostrar a quem? - Will perguntou, olhando em volta com uma expressão confusa no rosto.

- As pequenas faíscas verdes, suponho que você poderia chamá-las - eu disse. - De alguma forma, eles estão ligados a todo esse crescimento louco que acontece ao meu redor. Eles fizeram os botões de ouro florescerem e as árvores brotarem.

- Acho que não faria mal tentar, - disse Will.

Will puxou para fora o Coração de Kandrakar. E como sempre, o Coração me deu forças.

Agora, o orbe estava em sua mão, brilhando suavemente. O Coração incorporou todos os elementos naturais em perfeito equilíbrio. Patch e seus amigos eram claramente uma força da natureza, e pensei que eles poderiam se sentir confortados pela presença do Coração, assim como eu.

Assim que o Coração apareceu, houve uma espécie de grito de surpresa.

Patch estava de volta com cerca de mil amigos. Eles estavam todos dançando ao redor do Coração girando, saltando alegremente, em redemoinhos de um verde brilhante. Eu ri. Eu não pude evitar. Não porque fosse engraçado, mas porque as faíscas brilhantes estavam cheias de alegria.

- Uau! - disse Hay Lin. - Dêem uma olhada! - Por um momento, Irma ficou sem palavras. Ela apenas olhou para as faíscas verdes com a boca aberta.

Finalmente, Irma recuperou a voz.

- Bem, se você é louca, eu também sou - disse ela. - Estou vendo homenzinhos verdes!

- Eles definitivamente não são humanos, - objetou Taranee. - Eles são... são apenas luzes.

- Mas eles são pessoas. Ou seres, pelo menos - acrescentou Hay Lin.

- Gente - eu disse com firmeza. - Eles têm sentimentos e pensamentos como as pessoas. - Estendi a palma da mão. - Patch? Patch, você poderia ficar parado por um momento? Gostaríamos de olhar para você.

E assim, Patch descansou na palma da minha mão.

- Então esse é o Patch? - Will perguntou, olhando para minha mão.

- Eu só o chamo assim porque ele é uma mancha verde bem grande, maior do que os outros. - Mas, a julgar pelo sentimento de aceitação que eu estava tendo, parecia que "Patch" era um nome adequado para ele.

- De onde você é, Patch? - perguntou Hay Lin gentilmente.

De repente, ele empalideceu. Uma sensação de medo me atingiu.

O verme. O verme está chegando.

O medo era avassalador. Senti minhas pernas ficarem fracas e sentei-me abruptamente. A terra úmida encharcou o teci-

do fino do vestido, mas eu estava fraca e chateada demais para me importar.

- Ei, eles se foram - disse Irma. - Para onde foram todos os caras verdes?

Irma estava certa. As faíscas verdes haviam desaparecido – exceto Patch, que teimosamente se agarrou à minha mão.

Ajuda. Por favor ajude.

- Acho que algo terrível deve estar acontecendo de onde quer que eles venham - eu disse. - Meus pesadelos devem ser uma espécie de mensagem.

De repente, entendi o que estava acontecendo. Patch estava pedindo minha ajuda.

Olhei para o rosto de cada uma das minhas amigas. Elas também pareciam preocupadas.

- Acho que é hora de irmos ver o Oráculo - eu disse.

Nós cinco colocamos as mãos no Coração.

- Coração de kandrakar - disse Will calmamente. - Por favor leve-nos até o Oráculo.

Nossa incrível transformação em Guardiões começou. Senti a familiar onda de energia e a bem-vinda mudança mágica.

Quase imediatamente, a campina verde, os botões de ouro amarelos e as novas árvores desapareceram num borrão. Agora, em seu lugar, havia um teto abobadado e pilares mais altos do que qualquer uma das árvores que nos rodeavam.

- Bem-vindas, Guardiãs.

Esta era a saudação padrão do Oráculo. A essa altura, todas nós já havíamos aprendido a esperar isso sempre que chegássemos a Kandrakar. As boas-vindas pareciam mais do que meras palavras. Parecia uma afirmação de aceitação e pertencimento.

- Patch e seus amigos estão em apuros - comecei, incapaz de me conter por mais tempo.

- Você o chama de Patch? - perguntou o Oráculo, com uma

nota de humor na voz.

- Eu sei que não é o nome verdadeiro dele… - Comecei a explicar.
- Não se preocupe. Ele aceita. 'Patch' serve.
- Queremos ajudá-lo, mas nem sei de onde ele vem - eu disse.
- Ele vem de um mundo chamado Phylia[1]. Já foi um lugar de

exuberante e plantas crescendo, mas desde que Patch e seu povo fugiram, corre o risco de se tornar apenas um terreno baldio e sem vida. Veja, Patch e seus semelhantes são a própria essência do crescimento. Sem eles, poucas coisas podem florescer.

- Acho que é por isso que as coisas em Heatherfield estão florescendo loucamente - Taranee apontou com naturalidade.
- Ele provavelmente se sentiu atraído por Cornelia por causa de sua conexão com os poderes da terra. Ele sabia que ela poderia ajudá-lo em sua busca.

Eu sabia que havia mais coisas que o Oráculo tinha para me contar.

- Há algo que ele teme, algum inimigo que o ameaça e as outras faíscas verdes, não é? - Perguntei. Eu precisava saber tudo se quisesse ajudar Patch.
- Sim.

Esperei, mas o Oráculo aparentemente não tinha mais nada a dizer sobre o inimigo. Como sempre, suas mensagens foram diretas ao ponto.

- Podemos ir até Phylia e ajudar Patch a enfrentar esse inimigo? - Perguntei.
- Se é isso que você deseja.
- Bem, nós temos. Não é? - Olhei em volta para as minhas

[1] **Nome de origem grega. Tendo significados como "amizade" ou "amor" (no sentido mais amplo da palavra)**

amigos, que estavam todas balançando a cabeça em concordância.

- Devo avisar que duvido de muitas das faíscas terão a coragem de segui-la. Eles não têm a força do Patch. Sabendo disso, você ainda deseja ir até Phylia e enfrentar aquilo que fez com que Patch e sua família fugissem aterrorizados?
- Sim, - ouvi-me dizer corajosamente.
- Muito bem, então. Boa sorte, Guardiãs.

E então, num piscar de olhos, nós não estávamos mais em Kandrakar.

Nossa jornada para Phylia havia começado. Sabíamos que tínhamos uma missão. Mas o que nos esperava era desconhecido... e isso era assustador.

Capítulo 5

O chão estava cinza e um vento forte agitava pilhas de folhas mortas.

- Isso é desolador - sussurrou Will.

Não estava completamente desolado. Havia árvores, mas não tinham folhas. E os campos de ambos os lados havia caules secos de trigo e cevada.

- Alguém mais está pensando que talvez devêssemos ter trazido o almoço conosco? - perguntou Irma.

Típico de Irma, pensei. *Sempre tentando iluminar situações sombrias*. Desta vez, porém, não funcionou e ninguém sequer sorriu.

Um som alto de lamento veio do prado árido. Nós cinco olhamos em volta com expressões preocupadas. Parecia uma criança ferida.

- Vamos encontrar aquela criança, - disse Will, ignorando a piadinha de Irma. Will era muito melhor em deixar as piadas de Irma repercutirem nela. Neste momento, ela estava no modo líder total. - Não sei sobre você, mas não aguento ouvir esse choro por muito mais tempo - acrescentou Will.

Caminhamos pela campina e chegamos a uma cidade deserta. Foi absolutamente deprimente. A certa altura, a cidade deve ter sido bonita e próspera. Os vestígios do seu antigo estado ainda estavam lá: lojas e lindas casas ladeavam a rua.

Mas onde antes poderiam ter sido calorosos e acolhedores, agora tinham uma aparência abandonada.

Apesar da triste condição da cidade, ainda havia pessoas trabalhando em campos áridos e ruas empoeiradas. As pessoas pareciam tão cinzentas e sem vida como o solo.

Embora as pessoas vagassem pela cidade, estava estranhamente silenciosa. Na praça da cidade, junto a uma fonte de onde escorria apenas um fio de água, algumas mulheres lavavam roupa. Mas as mulheres não conversavam enquanto trabalhavam, nem cantavam ou riam. E o mais estranho de tudo é que, apesar de sermos completamente estranhas, elas apenas olharam para nós antes de voltarem a se lavar.

De outro ponto da praça, um comerciante, que parecia vender tigelas e caixas de madeira, ocasionalmente levantava a voz para gritar: *"Lindas tigelas e caixas, da melhor qualidade, duas por um centavo. Grande negócio nessas lindas tigelas e caixas."* Sua voz estava monótona e sem esperança. Ele sabia que não venderia nada. Ele estava apenas agindo por hábito.

Através do silêncio estranho e sinistro, ainda podíamos ouvir o barulho da criança.

Atravessei a praça até o homem que vendia as caixas e tigelas. Quando me aproximei, ele levantou a cabeça; de repente, seu rosto se encheu de interesse esperançoso.

- Uma garota bonita - disse ele com um sorriso cansado. - Uma garota tão bonita precisa de uma caixa bonita para guardar suas coisas bonitas!

Balancei a cabeça e disse suavemente que não. Eu me senti mal por não ajudá-lo, mas o que quer que estivesse acontecendo de errado nesta cidade, comprar uma de suas caixas certamente não iria curar o problema.

- De quem é a criança que está chorando assim? - Perguntei.

Os olhos do homem ficaram opacos novamente e ele baixou a cabeça desesperadamente entre as mãos.

- Mara, a oleira - disse ele, com a voz desprovida de qual-

quer entusiasmo que pudesse ter tido anteriormente. - A criança está chorando assim desde o meio-dia. Mas não há ajuda para isso.

- Onde Mara mora? - Eu perguntei, esperando que meu voz não denunciava minha ansiedade.

- Lá embaixo - ele disse, balançando a cabeça. - A casa com a porta azul e a chaminé de tijolo branco.

- Obrigada - respondi. Virando-me, olhei para meus amigos e sorri de forma encorajadora. Nós sabíamos o que tínhamos que fazer. E sem mais nenhuma palavra, começamos a caminhar em direção à casa com a chaminé branca e uma criança chorando lá dentro.

Quando chegamos na casinha, batemos na porta da frente.

- Entre - disse uma voz cansada de mulher.

Irma empurrou lentamente a porta. Uma mulher de cabelos escuros, sentada perto de uma roda de oleiro, ergueu os olhos quando entramos.

- Quem é você? - ela perguntou, aparentemente cansada demais para ser mais educada.

- Estranhos - eu disse, evitando uma explicação mais complexa. - Ouvimos a criança chorando e pensamos que poderíamos ajudar.

A criança que tinha sido a fonte de todo o barulho estava agachada numa cama perto do volante[2]. Ele era um menininho pequeno, de cabelos escuros, cuja pele estava pálida de tanto chorar.

- Ajuda? - sua mãe disse. - Isso seria ótimo! Basta pegar o

[2] **Aqui, "volante" se refere a mesa de oleiro, onde se fabricam vasos e objetos de cerâmica utilizando argila.**

mingau, o pão e o querido, e vou lhe oferecer um pouco da minha melhor cidra. - Ela riu, mas não era um som feliz. Era um som irritado e amargo. Suspirando, ela olhou para o menino. - Ele está chorando porque está com fome, o coitado, e não há nada que possa ser feito a respeito. Não até hoje à noite na Hora da Distribuição, e o que ele conseguirá não será suficiente para satisfazer uma formiga.

Suas mãos nunca paravam de trabalhar a argila enquanto ela falava. Com precisão, ela moldou a argila em poucos movimentos. Observei, fascinada, um lindo vaso crescer entre suas mãos delgadas e graciosas.

- Você quer dizer que não tem comida nesta casa? - Eu perguntei, quando finalmente tirei meus olhos de suas mãos.

Ela me lançou um olhar sombrio e furioso.

- Se eu tivesse comida, você acha que deixaria meu filho chorar de fome?

- Não... eu... eu não quis dizer isso. É só que… - Pensei na cozinha da minha casa, com seus armários lotados e uma geladeira sempre abastecida de guloseimas. A fome, para mim, significava o intervalo entre pensar que estava com fome e preparar um sanduíche. - É que de onde eu venho geralmente há bastante comida - eu finalmente disse, tentando me justificar.

- Então você deve vir de muito longe - disse Mara, parecendo apenas um pouco menos furiosa. - E acredite em mim, você vai se arrepender de ter vindo para este lugar miserável. - Ela levantou uma mão para afastar uma mecha de cabelo escuro, deixando uma mancha de argila avermelhada na testa. - Esta cidade costumava ser chamada de Plenty, você sabe. Mas não mais. - Ela sorriu seu sorriso amargo e sombrio novamente. - Agora, chamamos isso de Fome.

Todos nós enfiamos a mão nos bolsos, mas o máximo que encontramos foram dois pedaços de chiclete embrulhados em papel alumínio.

- Isso não vai ajudar - suspirou Will. - Ele engasgaria com isso.

O filho de Mara finalmente parou de chorar e estava olhando para as embalagens prateadas de chicletes que tínhamos nas mãos. Seus olhos eram enormes em seu rosto pálido.

- Isso é ridículo. Para que servimos se não conseguimos, de alguma forma, criar um pouco de comida? - Eu disse com raiva. Virei-me para Mara. - Você tem algum vegetal? - Eu perguntei a ela. - Ervilhas, feijões, qualquer coisa? Não importa.

- Nada que ainda esteja fresco - disse ela. - A velha horta fica lá atrás. - Ela acenou com a cabeça na direção da porta dos fundos e para o quintal árido além.

- Perfeito - eu disse. - Isso não deve demorar.

Saí pela porta dos fundos e entrei no pequeno jardim murado. Ou, mais precisamente, no que poderia ter sido um jardim. Havia uma árvore que parecia ter sido uma macieira ou pereira no passado. Além disso, havia um pessegueiro e um pequeno pedaço de terra cinza com alguns talos de feijão murchos e plantas de ervilha saindo dele.

Fui direto até o pessegueiro e coloquei as palmas das mãos em seu tronco fino. *Agora*, pensei, *vamos ver o que um pouco de magia da terra pode fazer*. Fechei os olhos e invoquei meu elemento, desejando que ele nutrisse a árvore e de alguma forma a fizesse produzir novos frutos.

Na verdade, foi muito mais difícil de fazer do que eu pensava que seria. Na verdade, a princípio parecia absolutamente impossível. Normalmente meu poder respondia rápida e voluntariamente. Desta vez, não havia nada além de uma sensação horrível e lenta dentro de meus pulmões que me fez tossir tanto que tive que largar a árvore. Eu senti como se estivesse sufocando.

Hay Lin, que me seguiu até o jardim, pousou a mão em meu ombro.

- O que está errado? - ela perguntou.
- Tudo - eu engasguei, tentando recuperar o fôlego. Olhei ao redor do quintal em busca de algum sinal de vida. - A terra... é como se nem fosse viva. É como se não houvesse mais nada da terra!!
- Como pode não haver terra? - Hay Lin perguntou com o rosto cheio de medo. - É um dos quatro elementos! Não pode simplesmente desaparecer!
- Bem... talvez não tenha desaparecido completamente - eu disse. - Mas definitivamente não tem vida aqui.

Finalmente recuperei o fôlego, então coloquei as mãos na árvore novamente. Dessa vez eu estava um pouco mais preparada para a onda de enjôo que me atingiu quando comecei. Cerrei os dentes, fechei os olhos e continuei invocando meu poder.

Pensei ter sentido alguma coisa. Houve um pequeno puxão no fundo da árvore. Foi uma resposta pequena, considerando que o esforço estava fazendo o suor escorrer pelo meu rosto, mas pelo menos foi alguma coisa. Eu abri meus olhos. Um pequeno botão apareceu no galho de aparência murcha. Ainda faltava muito para se parecer com um pêssego comestível.

- Acho que eu precisaria de uma ajudinha de Patch e seus amigos agora - eu disse, sentindo meus joelhos tremerem de exaustão.
- O Oráculo disse que eles provavelmente não ousariam voltar aqui - disse Will com naturalidade.
- Eu sei. - Suspirei tristemente. - Seria uma boa ideia, no entanto.

Quando eu estava prestes a fechar os olhos novamente, uma única pequena faísca verde pousou na minha mão. Pela primeira vez desde que chegamos, havia um pouco de verde no jardim árido.

- Correção, ainda temos um amigo. - Eu disse sorrindo. De

repente, me senti mais forte e mais esperançosa. - Você veio!

Eu senti uma onda de calor e afeição tomar conta de mim, seguida por um pequeno arrepio de apreensão. Eu sabia que Patch estava feliz em me ver, mas isso não o deixou menos assustado. Ele correu um risco enorme ao nos seguir até lá.

Nenhuma das outras faíscas fez a viagem.

- Não se preocupe - eu disse a ele suavemente. - Vou cuidar de você. Prometo que não vou deixar nada acontecer com você.

O tremor diminuiu um pouco e o brilho de Patch ficou mais verde.

- Agora, Patch, eu tenho uma criança com muita fome que adoraria um pouco de comida. Acha que você poderia me ajudar com isso?

Árvore ajuda. Ajuda criança.

- Isso é o que eu espero que aconteça - eu disse, olhando para Patch e balançando a cabeça em encorajamento.

Patch balançou no ar acima da árvore por um momento e então de repente pareceu derreter na casca.

Agora. Ajude a árvore agora.

Lá vamos nós de novo, pensei. Eu fechei meus olhos e, usando todas as minhas forças, convoquei os poderes da terra mais uma vez.

- Está funcionando! - Eu ouvi Hay Lin chorar. - Continue, continue...

Eu me encolhi. Fácil para ela dizer. Hay Lin não teve que puxar o poder monótono e relutante que não queria nada com este lugar. Fechei os olhos e me concentrei, colocando todas as minhas forças naquela árvore. Eu não poderia desistir agora.

- Cornelia, você conseguiu! - Ouvi a Will chorar triunfantemente.

Eu caí, encostada contra a árvore, tossindo. Lentamente, abri os olhos... e engasguei. *Eu tinha feito isso*! O botão havia se tornado um pêssego, um pêssego bem pequeno, mas pelo menos estava maduro.

- Pegue - eu disse com voz rouca para Irma. - E dê para Mara.
- Você está bem? - Hay Lin perguntou com uma expressão ansiosa no rosto.

Claro, eu queria dizer sim, mas estava longe de estar bem.

- Er... não exatamente - eu disse. E então minhas pernas dobraram e eu desabei na raiz da árvore.
- Will - chamou Hay Lin bruscamente. - Will, precisamos de ajuda!

Will tinha o Coração de kandrakar na palma da mão e ela o deixou descansar contra meu peito.

- Fique quieta - ela me disse. - Deixe o Coração fazer o trabalho por um tempo. Você se esgotou.

Parecia ridículo, mas eu tinha me esgotado, em cinco minutos, por causa de um pequeno pêssego. Não parecia possível que eu pudesse estar tão cansado.

- Acho que eu não sou uma boa Guardiã - murmurei fracamente.
- Não seja ridícula, - disse Taranee. - Você é um grande Guardiã e ótima em controlar a Terra. Há algo realmente errado com a Terra por aqui. Qualquer um pode ver isso. É como se o solo estivesse esgotado.
- Eu sei como é isso - eu sussurrei. Eu senti como se nunca mais pudesse me mover. E, para ser honesto, eu realmente não queria me mudar por muito tempo.

Eu estava prestes a dizer mais quando um medo repentino me atingiu.

- Patch! Ele está bem? Onde ele está? Alguém o viu?
- Não se preocupe - disse Will, me empurrando de volta pa-

ra baixo. - Ele está bem aqui e está bem. Viu?

Patch estava praticamente em cima do Coração. E embora ele parecesse bem, ele estava brilhando muito menos do que alguns momentos antes.

- Pobre Patch - eu murmurei. - Você teve que trabalhar muito agora, não foi?

Árvore melhor. Ajudará a criança.

O Coração me fortaleceu, então me levantei e caminhei a curta distância até a casa de Mara.

- Nós encontramos um pêssego para você - eu disse alegremente ao entrar pelo jardim.

Um olhar surpreso cruzou o rosto de Mara e ela olhou para nós, depois para o pêssego, como se não pudesse acreditar no que ela estava vendo. Sem palavras, ela pegou o pêssego e aproximou-o do rosto, cheirando-o como se não pudesse acreditar que a fruta era real. Do berço, os olhos da criança observavam avidamente para o pêssego. Ele estendeu a mão magra, mas não implorou.

Mara olhou para mim com uma combinação de descrença e esperança.

- Existe alguma maneira de você conseguir... outro? - ela perguntou em um sussurro. A expressão em seu rosto partiu meu coração.

- Agora não - eu disse. - Pelo menos, não até amanhã.

- Eu entendo. Obrigada por isso, no entanto. - Levantando-se, ela se aproximou e lavou as mãos sujas de argila na bomba d'água, depois encontrou uma faca em uma gaveta. Com cuidado, ela cortou o pêssego ao meio.

- Aqui, Taddy - disse ela, entregando metade do pêssego ao filho. - Você pode ficar com isso, e o resto levaremos para o Compartilhamento esta noite.

- Eu... eu queria que vocês dois ficassem com tudo - eu

disse. Meio pêssego não seria o suficiente para alimentar uma criança faminta.

Mara assentiu.

- Eu sei. Isso é gentil da sua parte. Mas o que temos, nós compartilhamos. Se não o fizéssemos, metade de nós já teria morrido de fome.

Era impossível não admirar sua força. Ela também devia estar com fome, mas a única indulgência que se permitiu foi lamber os dedos que seguravam o pêssego.

- O que aconteceu com sua cidade? - Perguntei. - Por que é tão árido? - Tive que perguntar, embora imaginasse que tal pergunta pareceria estranha para a mulher.

Ela olhou para mim como se não pudesse acreditar que eu não sabia.

- Caroc, é claro - ela respondeu. - Caroc, o Verme.

Capítulo 6

Paradas numa encosta árida com Mara e Taddy, olhamos para Caroc. Ou pelo menos tentamos.

Ele era tão grande que demorei um pouco para realmente vê-lo. Eu sei que parece estranho, mas é verdade. Meus olhos esperavam algo meramente do tamanho de um monstro, não algo do tamanho de uma pequena cordilheira.

- Isso é... aquela coisa enorme é... ele? - perguntei a Mara.

Ela assentiu e colocou Taddy no quadril para que ela tivesse um braço livre para apontar.

- Pronto - ela disse. - E ali. E está a cauda. Acho que a cabeça dele está em algum lugar ao sul agora.

Eu não conseguia acreditar no que via.

- Isso não é bom - disse Taranee em voz baixa. - Eu nem gosto de pequenos insetos.

O corpo de Caroc devia ter mais de um quilômetro de comprimento. Ele estava enrolado em torno de um castelo, onde, segundo Mara, mantinha o governante do reino, Príncipe Herdeiro Florian, cativo. Ali deitado, a pele cinzenta e doentia de Caroc misturava-se com o solo, o que foi um dos motivos pelos quais demoramos tanto para localizá-lo.

- Como você sabe que ele está causando a destruição? - perguntei a Mara, quando finalmente me recuperei do choque de ver Caroc pela primeira vez. A simples visão dele me deixou sem palavras.

- Simples. Ele come de tudo. Ele come a própria terra. To-

dos os dias, ele engole outro jardim, outra metade de um campo, outro bosque. Uma vez que ele consegue algo, ele desaparece. Ele nunca o solta, e ele nunca para de engolir. Ele é um monstro absoluto. Ele respira ar venenoso, e é quase como se ele exalasse veneno. Ah, sim, ele é definitivamente a causa. Esta terra era rica e saudável até ele chegar.

- Mas por que nessa cidade? - Irma perguntou. - E por que ele nunca se afasta do castelo?

- Acho que nem mesmo Caroc sabe por que está aqui. Só existe uma ganância estúpida, agora - disse Mara. Então ela acrescentou, - Mas uma vez ele foi primo do príncipe.

Eu engasguei. Não havia como Mara estar nos contando a verdade.

- Você está me dizendo isso aquele... monstro lá embaixo é parente do seu príncipe? Que era humano?

- Sim. Aquela coisa já foi o duque Caroc. Um homem faminto e ganancioso, que esperava ganhar o trono por meio de sua feitiçaria. Antes disso, porém, ele tentou formar um exército, mas o povo de Phylia não queria nada com isso, e seu poder não era grande o suficiente para forçá-los à lhe obedecer. Então ele decidiu que, como não poderia formar um exército, ele próprio teria que se tornar um. - contou a senhora. - Usando seus poderes mágicos, ele assumiu a forma de um verme gigante para poder cercar e sitiar o castelo sozinho. Então ele exigiu a rendição do Príncipe Florian. Mas nosso Príncipe é um homem forte e determinado, e ele se recusou a desistir...

- Você quer dizer que isso poderia acabar se o príncipe Florian se rendesse? - Eu perguntei, em descrença.

Mara balançou a cabeça tristemente.

- É tarde demais. Ouvi dizer que ele tentou desistir há alguns meses. Ele não aguentava mais ver seu povo sofrendo. O príncipe queria aliviar seu sofrimento. Mas a essa altura Caroc já estava muito longe e não conseguia entendo palavras como

'trono' e *'príncipe'* e *'soberania'*. Tudo o que a criatura é capaz de entender agora é a ganância... e a fome."

Mara parou de falar e todos nós olhamos para Caroc em silêncio. Era difícil imaginar que algo tão feio e maligno pudesse ter sido humano um dia. Um vento repentino soprou o fedor da cobra em nossos rostos, e eu tossi com o cheiro rançoso e pungente. Taddy gritou e começou a esfregar os olhos e o nariz.

- Não posso ficar aqui, - disse Mara com um tom de medo na voz. - Eu trouxe você aqui porque você me pediu, mas este é um lugar maligno e não aguento mais ficar aqui.

Dando uma última olhada em Caroc, ela estremeceu, virou-se e começou a descer a colina, em direção à cidade que agora chamavam de Fome.

Mantive meus olhos fixos em Caroc. Não havia nada vivo no espaço entre ele e nós. Não há árvores, nem plantas, nem animais, nem pássaros, nem mesmo insetos. Meu nariz, olhos e garganta queimaram com a fumaça que ele emitia.

- Você precisaria de uma máscara de gás e um traje de borracha para tentar chegar perto dele, - murmurou Will.

Ela estava certa. Mesmo de tão longe do verme, me senti sobrecarregada e um pouco doente. Não havia como usar meu poder se tivesse que lidar com o fedor de Caroc.

- Pena que deixei o meu em casa. - Irma brincou.
- Eu acho que é uma coisa boa você me ter - Hay Lin disse, tentando parecer tão otimista quanto Irma. - Eu posso nos fornecer bastante ar limpo, melhor do que qualquer máscara de gás.
- Mas ele é tão grande - disse Taranee, estremecendo. - Como podemos lutar contra algo tão grande quando somos tão pequenas? É impossível!
- Ele deve ter algum tipo de ponto fraco, - disse Will.
- Claro que sim - rebateu Irma, sarcasticamente. - Você o

viu? Parece que ele tem um ponto fraco?

- Ah, vamos lá - eu disse, sentindo a coragem crescer dentro de mim. - Nós controlamos a terra, o ar, o fogo, a água e a energia. Eu diria que temos um grande impacto, não acha?

Tínhamos que fazer alguma coisa. Pelo bem de Taddy e Mara. Para Phylia.

Will olhou para mim e sorriu.

- Você está certa - disse ela. - Vamos dar a ele uma dose do verdadeiro poder W.I.T.C.H.!

Esse era o momento que eu esperava desde que chegamos. Diante dos nossos olhos, Will se transformou. Seus jeans e moletom desapareceram e foram substituídos por uma roupa roxa e azul que abraçava o corpo, completa com asas esvoaçantes. Ela estava mais alta, mais elegante, mais forte e infinitamente mais poderosa. Terminada a sua transformação, Will esticou os braços acima da cabeça por um momento, preparando-se para a ação. Você podia sentir seu poder só de olhar para ela.

Eu sorri. Agora era a nossa vez. Um momento depois, todos nós tínhamos nos transformado. Não éramos mais cinco garotas de aparência comum, cansadas, sujas e um pouco confusas; agora éramos verdadeiramente as Guardiãs e foi ótimo.

- Mmmm… - murmurou Irma, gostando da mudança. - Assim é melhor. Eu não sei sobre vocês, meninas, mas estou definitivamente pronta para chutar alguns vermes!

Ficar perto de Caroc, no entanto, não seria nada fácil. Hay Lin estava lá para garantir que tínhamos ar puro para respirar, em vez dos vapores de Caroc, que nos cercavam como uma névoa pesada. Mas à medida que nos aproximávamos da criatira, pude perceber que a tarefa de fornecer ar estava se tornando mais difícil para ela.

- Você está bem? - Eu perguntei, olhando para Hay Lin.

Ela assentiu severamente.

- Estou bem, - disse ela. - Mas quanto mais nos aproximamos dessa coisa... bem, o ar simplesmente não quer passar por aqui.

O chão estava escorregadio agora com uma espécie de gosma cinzenta, e percebi que meus pés estavam muito quentes. Apoiando-me desajeitadamente em uma perna só, verifiquei a sola da bota. Estava fumando ligeiramente e começou a borbulhar.

- Essa coisa é como ácido - exclamei, mostrando às outras minha bota queimada. - Está corroendo a sola dos meus sapatos!

- Meu também. - disse Taranee, verificando. - Temos que fazer algo antes que isso chegue aos nossos pés!

Sempre a rainha do drama, Irma levantou as mãos numa postura poderosa.

- Vou abrir um caminho para nós - disse ela, evocando uma tromba d'água. - Afaste-se.

Ela direcionou a água para cortar o lodo, deixando um rastro claro e úmido, mas sem ácido, para seguirmos. Mesmo que Irma e eu nem sempre nos demos bem, eu tinha que reconhecer que ela definitivamente tinha talento quando se tratava de usar seu poder. E ela não teve medo de exibi-lo.

- Obrigado, garota da água - disse Will agradecido.

- A qualquer hora - respondeu Irma com um sorriso alegre. - Posso fazer um tobogã também. Talvez colocar uma piscina ali, importar algumas palmeiras... em pouco tempo faremos o turismo voltar a funcionar. Será um verdadeiro destino turístico.

Olhei para a paisagem nua e morta e tentei imaginar as piscinas e as palmeiras. Era difícil imaginar, mas o senso de humor de Irma era implacável e tive que sorrir. Pelo menos o verme não estava sugando a vida de Irma!

Com o caminho da Irma para proteger os pés, continuamos caminhando até chegar as patas do verme. Ele era cerca de três vezes maior que eu e coberto de escamas duras.

- Ainda quer chutá-lo? - perguntei a Irma.
- Não parece que isso adiantaria muito. - Ela fez uma careta. - Mas, ei, faça o que fizermos, quero que ele nos veja fazendo. Vamos encontrar o rosto dessa fera!

Escolhemos uma direção e começamos a caminhar ao longo do corpo de Caroc. De perto, ele parecia grande demais para ser uma coisa viva.

Eu estava tão distraído examinando Caroc que não percebi que a gosma havia começado a queimar meus sapatos novamente. Quando senti uma sensação de formigamento na sola dos pés, gritei.

- Irma, essa gosma está subindo nas minhas botas de novo!
- Espere um segundo - ela gritou. Ela fechou os olhos e se concentrou. Eventualmente, um pequeno jato de água apareceu, mas era lento e lento. nada como seus gêiseres normais e energéticos. Ela olhou em volta com uma expressão envergonhada.
- Desculpe - ela murmurou. - Acho que a água também não quer vir aqui.
- Está bom o suficiente. Obrigado, Irma - disse Will suavemente.

Continuamos andando. E andando. E andando.

- Quão grande é esta criatura? - perguntou Irma com um suspiro de desgosto.
- Mara disse que a cabeça dele estava em algum lugar ao sul - eu disse, lembrando-me da conversa anterior. - Poderíamos estar caminhando na direção errada?

Taranee semicerrou os olhos para o sol, quase invisível através da névoa de vapor que cercava Caroc.

- Não - ela disse. - Estamos indo para o sul. - Ela olhou em volta. - Não pode ser tão longe agora, nós… - De repente, ela parou de falar, seu corpo congelado em estado de choque.

Eu também fiquei parado, incapaz de me mover.

À nossa frente, um buraco profundo e escuro apareceu. Era um buraco estranho e parecido com uma caverna, com fileiras de espinhos acima e abaixo, e um teto estriado exatamente como... exatamente como o céu de alguma boca monstruosa.

- Oh, não - eu sussurrei, percebendo exatamente o que estávamos olhando.
- Corram! - gritou Will.

Nenhuma de nós estava disposta a discutir. A boca se movia rapidamente em nossa direção e os espinhos no topo desciam, prontos para nos devorar.

Corremos pelo chão escorregadio, correndo para nossas vidas. Hay Lin decolou completamente do chão e simplesmente voou. Eu gostaria de ter feito o mesmo, mas minhas asas, infelizmente, eram apenas para decoração. Eles não ajudaram absolutamente em situações de emergência. Ouvimos um som estridente atrás de nós quando as mandíbulas de Caroc se fecharam em torno de um pedaço de terra, e em um estrondo enquanto ele se preparava para engolir.

Meu estômago se apertou com o som desagradável. Mas foi pura sorte ele ter engolido apenas um punhado terra e pedras, e não nós.

Naquele momento, eu só queria continuar correndo de volta para a cidade, ou até Heatherfield, aliás. Minhas pernas estavam cansadas e meus pulmões pareciam prestes a explodir. Então parei. E me virei.

Talvez a uns trinta metros de distância, uma enorme cabeça triangular estava virada em nossa direção. Um par de olhos claros, cor de lama, maiores que janelas, nos encarava com avidez. Bem atrás da cabeça, a ponta da cauda de Caroc po-

dia ser vista, contorcendo-se lentamente de um lado para o outro, como um gato à espreita.

- Bem, encontramos a cabeça dele - ofegou Irma. - Então, quem quer ir atrás dele primeiro?

Não surpreendentemente, ninguém se ofereceu.

- Acho que seria mais inteligente acertá-lo juntos - Will finalmente disse. - Com tudo o que temos.

Eu balancei a cabeça.

- É a única maneira de causar algum dano. - Afinal, erámos muito mais fortes quando combinamos os nossos poderes. E considerando o tamanho do Caroc, pensei que quanto mais potência, melhor.

Irma chamou pela água. Hay Lin convocou o ar. O fogo dançou ao redor de Taranee e energia pura irradiava de Will. E coloquei minha mão espalmada no chão, pedindo à pobre terra maltratada de Phylia que revidasse.

- Agora, - disse Will, quando estávamos todos prontos.
- Agora.

Nós nos concentramos em Caroc e o acertamos com toda força, toda força que tínhamos. Vento, chamas e água o atingiram, pedras e relâmpagos chacoalharam sua pele.

A princípio, ele se afastou, parecendo quase surpreso. Então seus olhos brilharam com uma luz estranha e gananciosa. E então ele abriu a boca e engoliu todo o nosso poder.

Atordoadas, olhamos para o verme monstruoso.

- Ele comeu - disse Will fracamente.

Enquanto olhávamos, podíamos vê-lo inchando, inchando até ficar ainda maior, alimentado pelo poder cheio de magia que havíamos derramado nele.

- Eu espero que isso lhe dê uma dor de estômago terrível - disse Irma com selvageria. - Espero que ele exploda ou algo assim.

Mais uma vez, concordei com Irma. Infelizmente, Caroc parecia bem para um verme gigante.

- Como vamos vencê-lo? - perguntou Taranee, com um tremor na voz. - Como podemos vencer algo assim se isso consome nossos poderes por diversão?

- Eu não sei - disse Will. - Talvez não possamos. Talvez esta seja a única missão que não vencemos.

Minha mão doeu. Olhei para minha palma e fiz uma careta. Onde minha mão tocou o chão sujo, a pele estava queimada e vermelha, com bolhas grandes e dolorosas.

- Este lugar é tão doentio, - eu sussurrei. - Eu nem tenho certeza se isso poderá ser curado.

De repente, um pequeno brilho verde dançou no ar acima da minha mão machucada, banhando-a com uma luz que de alguma forma diminuiu a dor.

- Correção! - Eu disse, surpreso e grato. - Patch, você não deveria estar aqui. Este lugar é muito perigoso para você… - Mesmo que eu estivesse dizendo para ele ir embora, eu estava muito feliz em vê-lo. Seu medo era tão forte que era quase tangível, mas sua confiança e amizade eram ainda mais fortes.

Ajuda. Ajude a terra.

Foi uma promessa e um apelo.

- Eu vou - murmurei. - Eu vou.

Mas eu não vi como. O verme era enorme, voraz e, se o atingíssemos novamente, ele simplesmente engoliria mais força. Parecia não ter fim para sua ganância, sem fim...

De repente, lembrei-me do que Mara havia dito: *Assim que ele conseguir alguma coisa. Está perdido. Ele nunca solta o aperto, nunca para de engolir, acho que não consegue.*

- Meninas - eu disse lentamente, um sorriso se espalhando pelo meu rosto. - Acho que tenho um plano…

Capítulo 7

- Pintar? - disse Mara. - O que você quer com um balde de tinta?

Percebi que meu pedido provavelmente soou extremamente estranho para Mara. Tínhamos acabado de voltar do confronto com o Caroc e lá estávamos nós pedindo tinta. Ela provavelmente pensou que éramos loucos.

- Duas cores de tinta seriam ótimas, ou, melhor ainda, três.
- Bem, eu tenho minhas tintas para cerâmica. Mas são difíceis de misturar. Eu não gostaria de desperdiçá-las - respondeu Mara.

Eu olhei-a diretamente nos olhos.

- Livrar-se de Caroc é importante o suficiente?

Ela começou a rir, mas parou quando viu que eu não estava brincando.

- Você está falando sério? - Mara perguntou.
- Muito sério - respondi.
- Bem, então, pegue o que quiser. Apenas…

Ela hesitou, como se estivesse se perguntando como dizer o que pensava.

- Sim? - Eu perguntei.
- Eu vi você fazer aquele pêssego. Eu sei que vocês, meninas, são mais do que parecem. Mas Caroc é um inimigo terrível. Por favor, tomem cuidado!

Balancei a cabeça solenemente.

- Vamos.

Passamos a meia hora seguinte preparando as tintas. Finalmente, depois de tudo organizado, saímos para enfrentar Caroc e, com sorte, salvar Phylia.

Estávamos no meio da rua quando Mara de repente veio correndo atrás de nós.

- Espere - ela gritou, amarrando um xale nos ombros. - Eu vou contigo.

- Mas, Mara, é muito... - comecei, antes que ela me interrompesse.

- Seja o que for que você vai fazer, alguém precisa ver. Alguém precisa saber o que realmente aconteceu.

- E o Taddy? - Eu não conseguia imaginar Mara deixando seu filho sozinho. Ele era muito jovem para ficar só.

- Eu o deixei com meu vizinho - disse ela.

- Não, o que eu quis dizer foi - Mas eu não consegui dizer, e se você nunca mais voltar. - Ele precisa da mãe, Mara.

- E ele a terá, - ela disse simplesmente. - Quando eu voltar. Não pretendo correr nenhum risco. Mas alguém de Fome deve estar lá quando você enfrentar Caroc.

Estávamos agora passando pela praça e notei que os mascates de olhos opacos começavam a parecer um pouco menos chatos.

- O que está acontecendo, Mara? - gritou aquele que havia tentado me vender uma caixa antes. - Você vai ver o verme?

- Pode ser - respondeu Mara laconicamente.

- Boa sorte para você, então. Você vai precisar.

Algumas mulheres acrescentaram seus bons votos. Mas uma mulher apenas olhou para nós com um olhar sombrio.

- Mas por que você está fazendo isso? Você só vai piorar as coisas - rosnou a mulher.

- O que você quer dizer, Ina? - perguntou Mara bruscamente.

- As pessoas deveriam simplesmente deixar essa fera em

paz - cuspiu a mulher. - Então talvez ele nos deixasse em paz também.

- Mas Ina, ele está nos destruindo! - Mara disse. - Fechar os olhos e fingir que ele não está não vai fazê-lo ir embora. Temos que fazer alguma coisa!

- Sim, bem, só não vá deixá-lo bravo, apenas isso. Eu digo. E se ele decidir sair do castelo e vier procurar as pessoas da cidade?

Uma das outras mulheres se endireitou e colocou as mãos nos quadris.

- Oh, Ina, pare de ser tão covarde - disse a mulher. - Se Mara e suas novas amigas vão tentar fazer algo a respeito do verme, eu irei com eles. - Depois de fazer seu anúncio, ela começou a tirar o avental.

- Mas… - Eu olhei para a mulher. Fiquei feliz que as pessoas quisessem ajudar, mas, como todo mundo em Fome, ela era muito magra e parecia incrivelmente fraca. O que ela achava que seria capaz de fazer se Caroc fosse atrás dela?

Aparentemente, ela não se importou. Ela se aproximou e ficou ao lado de Mara, com uma expressão de orgulho no rosto.

- Eu também vou - disse o vendedor de caixas, fechando a barraca. - Os negócios por aqui são muito lentos.

- Mas… - eu gaguejei. Nossa missão de enfrentar Caroc estava virando um desfile.

- Não se preocupe com isso - disse Irma, percebendo minha confusão. - Eles podem assistir. E talvez os mais corajosos possam ajudar Will.

Eu balancei a cabeça. Irma estava certa. Essas pessoas mereciam ver Caroc cair, se conseguíssemos destruí-lo. Quando nós saímos da Fome, quarenta ou cinquenta habitantes da cidade vieram conosco.

- Isso tem que funcionar... - murmurei baixinho. - Só tem

que… - Virei minha cabeça e olhei para Patch, que estava montado em meu ombro, um pequeno brilho de coragem e confiança.

Com tantas pessoas nos seguindo, tivemos que mudar um pouco nosso plano.

- Não posso estar em dois lugares ao mesmo tempo - disse Hay Lin. - Vou ter que tentar soprar toda a fumaça de u só vez, para que seja seguro respirar aqui enquanto ajudo Caroc.

- Ei, esperem, pessoal! - Os habitantes da cidade pareciam confusos com o anúncio de Hay Lin. - Ela pode controlar o ar - expliquei, como se isso esclarecesse tudo.

Mal tinha acabado de falar quando surgiu a primeira rajada de vento forte, seguida imediatamente por outra mais forte. Em um minuto, soprava um vendaval forte o suficiente para derrubar um ou dois moradores da cidade. Felizmente, não aconteceu nada com eles. O vento uivava colina abaixo em direção a Caroc, cortando a névoa venenosa e varrendo-a para o lado.

- Pronto - disse Hay Lin, deixando o vento diminuir até se tornar apenas um vento forte, uma refrescante brisa. - Agora podemos respirar sem aquele fedor tóxico.

É claro que, embora agora pudéssemos respirar, provavelmente também avisamos Caroc da nossa presença.

Felizmente, isso fazia parte do nosso plano.

- Agora é a minha vez - disse Irma. - Acho que é hora de uma boa limpeza de primavera. - Estendendo os braços, ela deixou faíscas azuis de poder brilharem em todas as direções.

Segundos depois, uma inundação de água veio rugindo e desceu pela encosta, lavando o lodo cinza e desagradável.

- Agora é seguro caminhar - disse Irma presunçosamente. A essa altura, o povo da Fome estava completamente chocado e Mara assumiu um ar de orgulho.

- Eu disse que elas não eram apenas estranhos comuns -

ela disse para a multidão, tentando não parecer muito atordoa-da.

Sorrindo com as palavras de Mara, Will se virou para nós quatro.

- Ok, é hora de começar o desvio - disse ela. - Temos que manter a atenção de Caroc em nós, não em Cornelia e nos ou-tros.

- Lembre-se, você só precisa chamar a atenção dele - eu disse a Mara. - Não se arrisque. E não chegue muito perto dele - Eu ainda estava ansioso porque Mara havia deixado Taddy e vindo conosco.

Quando todos se reuniram, Will começou a descer a colina. Percebi que Mara estava marchando ao lado de Will com uma expressão de orgulho feroz no rosto. Caroc definitivamente fez alguns inimigos em Fome.

- Devíamos ir também. - Taranee disse. - Não temos muito tempo. E quanto mais rápido formos, mais seguro será para essas pessoas.

Assentindo, concordamos e partimos. No entanto, não seguimos na mesma direção que Will e seu pequeno exército. Eles estavam mirando na cabeça de Caroc, enquanto nosso objetivo era sua cauda.

Funcionaria? *Por favor, por favor, deixe funcionar*, eu disse a mim mesmo. Chegamos longe demais para falhar.

Vi a cabeça de Caroc desviar-se lentamente para seguir o maior grupo de pessoas, liderado por Will. Eu esperava que ele não notasse Taranee, Irma, Hay Lin ou eu enquanto nos apro-ximávamos sorrateiramente de sua enorme cauda.

- Tudo bem, vamos seguir o plano. Branco primeiro - disse eu, passando um dos potes de tinta de Mara para Hay Lin. - Você sabe o que nossa professora de artes diz: *"é sempre im-portante estabelecer uma boa base."*

Só então notamos um movimento perto da cabeça de Caroc. *Crás*! Will lançou o seu primeiro raio, e o povo de Fome começou a gritar, dançar e gritar, atirando pedras do chão em Caroc.

- Agora - eu disse tensa, trazendo minha atenção de volta para a tarefa em questão. - Dois grandes círculos brancos...

- Eu sei - disse Hay Lin, e saltou no ar, agarrando o pote de esmalte. - Dois círculos brancos aparecendo...

No momento, a cauda de Caroc estava imóvel, facilitando nosso trabalho. E a tinta de Mara era muito melhor que a tinta normal. Era menos líquido e melhor para aderir às ásperas escamas cinzentas que compunham a pele do verme.

De repente, a grande cauda se ergueu e se contorceu. Hay Lin conseguiu escapar ilesa. Eu esperava que a Will e seu pequeno e corajoso exército tivessem a mesma sorte.

- Agora azul - eu disse, entregando mais tinta para Irma.

- Volte - ouvi Will gritar. - Retornar! - Um tremor percorreu o corpo de Caroc, como um pequeno terremoto.

- Depressa, depressa, depressa… - eu gritei. Estávamos ficando sem tempo.

- Estou com pressa! - gritou Irma.

E ela estava direcionando a tinta azul para seu alvo com uma velocidade incrível. Hay Lin desceu, pegou a tinta vermelha de mim e foi dar os retoques finais.

- Corra corra!

Não era apenas Will gritando agora. Havia muitas vozes, algumas firmes, outras em pânico. Mara e alguns outros vieram atacando, e senti uma breve onda de gratidão por eles terem mantido a cabeça no lugar e estavam correndo na direção certa, puxando Caroc atrás deles… Mas onde estava Will?

E então a cabeça poderosa de Caroc girou, a mandíbula aberta e as presas brilhando. Ele estava vindo direto para nós.

E embora fosse exatamente o que eu queria que acontecesse, ainda tive um momento de terror absoluto.

Saí do meu ataque de pânico, coloquei a mão no chão e empurrei. Ao meu lado, a cauda de Caroc ergueu-se no ar, impulsionada pelo empurrão que eu dera no chão. De repente, Caroc se viu diante de um par de olhos brilhantes, uma grande boca vermelha e um jorro de chamas como algo que poderia vir de um dragão . O fato de o olhar do nosso dragão ter saído um pouco vesgo era algo que eu esperava que Caroc não notasse.

Caroc parou por um momento. Então ele recuou, abriu ainda mais a mandíbula e mordeu o próprio rabo!

\- Quando você acha que ele vai perceber o que fez? - Irma perguntou.

\- A qualquer momento - respondi, meu olhar firmemente colado ao verme gigante à minha frente.

Houve uma enorme tosse sufocada e a terra tremeu. As escamas incharam e se esticaram enquanto ele tentava recuar. Mas a Mara tinha razão: uma vez que ele agarrava alguma coisa, não conseguia soltá-la. Nem mesmo quando descobriu que ele estava engolindo o próprio rabo.

\- Onde está Will? - perguntei a Mara. Eu ainda estava preocupada com Will. Ela deveria estar com Mara, levando Caroc de volta até nós.

\- Não sei - disse Mara com tristeza.

Oh não! Ela não tinha se machucado, tinha? Ela não poderia estar. Eu senti como se eu soubesse se algo ruim tivesse acontecido com ela.

\- Will! - Eu gritei freneticamente. - Will, onde você está? - Comecei a correr em direção ao local onde a cabeça de Caroc estivera anteriormente.

O chão tremeu quando o verme se ergueu e vomitou, tentando cuspir o rabo. Tropecei e segui em frente, ainda procurando desesperadamente.

Então eu a vi.

Ela estava encolhida no chão, enrolada de lado. Meu coração quase parou, mas então percebi que ela estava se movendo e soltei um grande suspiro de alívio.

- Will - Chorei.
- Estou aqui. - Will parecia fraca e sem fôlego. Perguntei-me se Caroc a teria machucado.
- Você está bem? - Eu perguntei quando cheguei ao lado dela.
- Estou bem - disse Will. - Eu só preciso... recuperar o... fôlego.
- O que aconteceu com você? - Perguntei quando ela conseguiu se recuperar.

Um pequeno sorriso se espalhou por seu rosto.

- Fui derrubada pelo meu próprio exército. Acidentalmente, é claro...

Ela levantou-se do chão e ficou ali sentada por um momento, observando Caroc enquanto ele lutava.

- Estou bem - disse ela, e deu um tapinha na minha mão de forma tranquilizadora. - Você deveria terminar seu plano.
- Sim - respondi. - É hora de um pouco de magia da terra.

Embora mais de um elemento tenha sofrido, foi a terra o mais danificado pela ganância de Caroc. Curar esta terra era uma tarefa enorme e, considerando o quão difícil tinha sido cultivar um único pêssego pequeno, eu não sabia se conseguiria fazê-lo. Eu não tinha ideia de onde conseguiria forças.

Ajuda.

Eu sorri. Patch havia retornado e estava pairando na minha frente.

- Obrigado, Patch. Eu sei que você vai ajudar - eu disse.

Sua forte lealdade era um pequeno ponto de calor, mas ele era apenas uma pequena faísca verde, e Caroc era um monstro gigante.

Muitos ajudam. Longe e perto.

Longe e perto? Talvez Patch quisesse dizer que as faíscas verdes fugiram para Heatherfield. Mas por perto? Eu não tinha visto nenhum sinal de verde além de Patch.

Foi nesse momento que senti uma sensação horrível de ser engolida e presa.

De repente, eu entendi onde estavam os parentes de Patch, eles estavam dentro do verme.

Meu primeiro instinto foi pegar algo afiado e abri-lo. Mas então percebi que isso não resolveria nada. Patch não era um corpo físico real, e não era na barriga colossal do verme que eu deveria procurar aquelas faíscas que Caroc havia engolido. Pelo contrário, foi na escuridão da sua alma gananciosa.

Estremeci com o pensamento.

- Will - Eu disse suavemente. - Acho que vou precisar de um pouco de ajuda.

Eu não precisei dizer mais nada. Ela entendeu e trouxe o Coração. Olhei longamente para a sua luz suave, absorvendo-a, certificando-me de que carregava dentro de mim a memória e o brilho do Coração. Eu estava com medo de que, para onde eu estava indo, até mesmo a memória da luz fosse difícil de manter. Preparando-me, levantei-me.

Lentamente, comecei a percorrer o terreno acidentado que ainda tremia enquanto Caroc resistia e se esforçava. Mesmo sabendo que ele não poderia me machucar fisicamente, senti um arrepio de medo percorrer minha espinha. Quando cheguei perto o suficiente para olhar diretamente em seus olhos cor de lama, parei. Por um momento, ele ficou imóvel. Ele me observou com fúria fria. Não havia dúvida de que ele teria se lançado sobre mim se pudesse.

Suprimindo um arrepio, estendi a mão e coloquei uma mão em sua pele escamosa. O corpo não era liso, como eu pensava que seria. Ele era áspero, como pele de tubarão. Elas eram as escamas de um verdadeiro monstro.

Assim que o toquei, senti isso. Medo. Escuridão e ganância. Eu não queria ir para lá, mas não tive escolha.

Fechei os olhos e deixei o pesadelo me levar.

Existem todos os tipos de escuridão. Mas nenhum deles é como a escuridão dentro do verme.

Foi uma escuridão sem esperança, uma miséria sem fim que engoliu toda alegria, toda força, toda vida.

E eu estava nisso.

Eu estava procurando por algo, mas não consegui lembrese do quê. Mas isso não importava, de qualquer maneira. Neste lugar, eu sabia que nada perdido jamais seria encontrado. Como você poderia procurar algo em um lugar onde estava tão escuro que você poderia muito bem estar cego? A desesperança me inundou. Eu podia sentir a escuridão me corroendo, minando minha força e minha esperança.

"Você não vai durar muito."

Uma voz fria soou. De alguma forma, eu sabia a quem pertencia a voz. Era Caroc.

- Ah, é mesmo? Você acha? - Eu disse, com desafio automático. Mas não acreditei nas minhas palavras. Eu sabia que ele estava certo.

- Linda garotinha. Tão acostumada com a luz do sol, com elogios e com vitórias fáceis. Bem, desta vez não, garotinha. Desta vez, eu venci.

Uma pequena raiva se agitou dentro de mim.

- Você é apenas um grande verme. E no momento, você

está ocupado demais engolindo o próprio rabo. Onde está a vitória nisso? - Eu disse, com mais coragem do que pensei que tinha.

A fúria fria me atingiu, tentando me forçar a ficar em silêncio, tentando me destruir.

- Eu tenho você, não é? Você veio aqui. E aqui, eu não preciso de uma boca para engolir você. Eu te seguro e não vou soltá-la. Você não vai durar muito. Você não vai querer durar. - Caroc fez um barulho quase como uma risada, mas não havia alegria nisso, apenas maldade.

Minha pequena chama de raiva morreu. Ele estava certo. Preso nesta miséria fria e sombria, por que eu iria querer durar? Não havia esperança aqui. Nenhuma esperança. *Por que eu vim?*

E então, de forma impossível, um pequeno brilho apareceu na vasta e interminável escuridão. Um pequeno brilho verde.

Correção. Um grande brilho verde.

Patch me seguiu pela escuridão do verme. Sua pequena luz tremia de cansaço e medo, e me perguntei se ele sobreviveria. Mas ele estava lá, e em seu brilho havia o eco de uma luz maior, de uma força maior. Em seu brilho, senti força. De repente, lembrei-me do Coração.

- Ajude-me - eu sussurrei. - Ajude-me agora.

De repente, eu sabia que não estava sozinha. Eu sabia que não era fraca. Eu sabia que em algum lugar havia luz solar, amizade e uma razão para lutar contra essa escuridão.

- Desculpe, Caroc, - eu disse corajosamente. - Mas acho que você acabou de perder sua batalha.

Lembrando-me da luz solar, lembrando-me do verde e das coisas que cresciam, abri bem os braços e chamei-os. Da escuridão, faíscas verdes surgiram em bandos, em grupos de

dois e três, e então dezenas, depois um turbilhão de alegria. Foi uma inundação de faíscas verdes.

Senti a escuridão recuar, encolher, até não ser quase nada. Abri os olhos e engasguei.

Eu estava parada no meio de uma nevasca verde e cintilante. Havia tanto verde que, por um momento, não consegui ver mais nada.

Uma alegria selvagem cresceu em mim e eu ri feliz. Caroc foi destruído. Estávamos livres.

Um momento depois, senti uma onda de gratidão que me disse o quanto as faíscas verdes estavam agradecidas. Foi como estar envolvido em um abraço gigante e verde.

- Vão - eu os encorajei gentilmente. - Vá curar esta terra.

Eles decolaram, subindo.

À medida que as faíscas voavam, a grama nova se espalhava pelas colinas áridas como um enorme tapete sendo desenrolado. Os tocos mortos explodiram em folhas verdes. Os arbustos de mirtilo murchados passaram de galhos nus a folhas e flores e depois frutos enquanto observávamos.

- Ah - disse Mara suavemente. - Oh. - Lágrimas de alegria e admiração escorreram por seu rosto magro. - Suponho que teremos que mudar o nome da cidade novamente. Parece que viveremos em Plenty mais uma vez.

Restava muito pouco de Caroc. Ao redor das muralhas do castelo onde ele estivera, havia agora um fosso escuro e lamacento. No fundo do fosso, um verme muito fino se contorcia, ainda tentando comer o próprio rabo.

Com o rangido de engrenagens há muito não utilizadas, o castelo finalmente baixou a ponte levadiça, e a primeira pessoa a atravessá-la foi o próprio príncipe Florian.

Ele era o príncipe perfeito dos contos de fadas, com cabelos loiros e elegantes, olhos azuis penetrantes e um rosto bonito, embora um pouco magro.

- Um dia feliz - disse ele. - Um dia muito feliz. A quem posso agradecer por esta libertação?

De repente, todos estavam olhando para mim. Todos, inclusive o belo príncipe Florian.

Capítulo 8

Quem diria que salvar a cidade de Plenty seria uma desculpa para uma festa? Mas foi, e as pessoas da cidade estavam enlouquecidas se preparando. Minhas amigas e eu fomos conduzidas a uma bela sala e instruídas a esperar. Não tivemos que esperar muito.

- O príncipe Florian lhe enviou isto - disse uma elegante senhora de cabelos grisalhos. Ela era a mãe real do príncipe, a rainha Flora. Atrás dela vieram cinco damas de companhia, cada uma carregando um vestido brilhante. - E talvez você permita que minhas criadas a ajudem com seu cabelo?

- Er... ah... sim. - Eu disse, embora o que eu mais desejasse naquele momento fosse um bom banho quente. Felizmente, os banhos estavam na ordem do dia, banhos demasiado quentes e perfumados com as pétalas das rosas que mais uma vez cobriam as muralhas do castelo.

Depois dos banhos veio uma sessão longade maquiagem e troca de roupa que fez com que os preparativos para a sessão fotográfica do Sr. Sacharino parecessem nada de especial. Fomos enfeitadas, cobertas de musgo, em pó e mimadas. Todas nós recebemos um tratamento especial.

Depois vieram os vestidos.

Rosa para Will, lavanda para Hay Lin, azul profundo para Irma e para Taranee um lindo e escarlate flamejante.

Mas tenho que admitir que amei mais o meu. Era branco, com toques de esmeraldas verdes costurados na bainha e no decote. Enquanto eu girava para frente e para trás na frente do

espelho, ocorreu-me que o vestido branco parecia suspeitamente com um vestido de noiva. *O que estava acontecendo aqui?* Eu me perguntei.

- Príncipe Florian enviou isso? - Perguntei à dama de companhia que me ajudou.

- Oh, bem, na verdade - disse a mulher - Sua Majestade, a Rainha Flora, fez isso. Mas tenho certeza de que o príncipe aprova.

Ah, ele aprova, não é? Eu pensei. Antes que eu pudesse dizer outra palavra, uma nova dama de companhia apareceu segurando uma caixa.

Dentro havia um par de sapatos.

- Estes - eu disse, horrorizada - são feitos de cristal! - As coisas estavam ficando um pouco fora de controle. Eu estava começando a temer que tivesse entrado em um verdadeiro conto de fadas. Mas não havia como evitar a situação, então coloquei-os. Eles estavam extremamente confortáveis. E, para minha surpresa... um ajuste perfeito.

- Will - eu disse. - Você percebe alguma coisa estranha acontecendo? Além do que fizemos, quero dizer.

- Não, na verdade não - disse ela. - Por que?

- Ah, eu não sei. - Eu disse. - Este vestido, estes sapatinhos de cristal…

- Você está linda - disse ela.

- Obrigada - eu murmurei miseravelmente.

Minha tristeza só aumentou mais tarde, quando a música começou e o Príncipe Florian se aproximou de mim e perguntou, com modos perfeitos, se eu gostaria de começar o baile com ele. Afinal, eu era sua convidada de honra, ressaltou.

Não havia como eu dizer não. Ele estava apenas sendo educado e me agradecendo por destruir Caroc. Pelo menos foi o que eu disse a mim mesma enquanto ele me levava para a pista de dança. Claro, ele era um dançarino muito bom, e eu

me senti como uma princesa enquanto toda a corte observava com sorrisos de aprovação. Assim, eles devem ter pensado, olhando para nós dois, era como a história deveria terminar. Eu por outro lado, não tinha tanta certeza.

Depois do que parecia ser um número interminável de danças, o belo príncipe me levou para longe do salão de baile lotado e para o jardim de rosas florido.

- Então... uh... você está confortável? - ele perguntou sem jeito. A segurança elegante que ele demonstrara na pista de dança havia desaparecido. Agora ele parecia qualquer cara normal e nervoso.

- Você não está com muito frio nem nada? Eu poderia pegar um xale para você. Ou talvez você queira algo quente para comer - disse ele com seriedade.

- Estou bem - respondi.

- É só que... você vê… - ele tropeçou e gaguejou, tentando pronunciar as palavras. - Eu tenho algo para te dizer.

- Na verdade, também tenho uma coisa para lhe contar - eu disse.

- Oh? - Ele parece surpreso. Provavelmente não era o roteiro usual para esse tipo de coisa não exigia que a garota dissesse nada, exceto: "*Eu aceito".*

Houve um silêncio constrangedor.

- Isso é altamente embaraçoso - disse finalmente o príncipe Florian. - Vou ter que te dizer que não me apaixonei por você.

- Oh, que bom - eu disse, o alívio me inundando. - Quero dizer, não que não fosse muito legal, mas...

Ele sorriu.

- Sim mas…

- Parecia ser o que todos esperavam - eu disse a ele. - O vestido, os sapatos de cristal. Tudo isso...

- Sim, eu sei. Mas você não está… você realmente não es-

tá nem um pouco apaixonada por mim? - Ele olhou para mim ansioso. - Porque eu certamente não quero ferir os seus sentimentos.

Eu ri.

- Não. Eu não estou nem um pouco apaixonada - eu disse com firmeza.

Pelo menos não por você, acrescentei silenciosamente, pensando em Caleb. Um herói de conto de fadas foi suficiente para mim.

- Bom. Estou tão feliz em ouvir isso. Porque, você vê, eu tenho Anna.

- Anna? - Pensei nas inúmeras damas vestidas no salão de baile e não pude deixar de sentir uma pequena pontada de curiosidade. Eu queria saber quem havia conquistado o coração do príncipe. - Quem é ela? - Perguntei.

- A cozinheira de sobremesas - explicou ele. - Ou pelo menos foi isso que ela era enquanto ainda havia algo para fazer sobremesas. Mais tarde, ela se tornou a razão pela qual permaneci vivo.

Bem, bem, pensei. O príncipe Florian era um menino cheio de surpresas. Claramente havia um coração romântico e pouco convencional sob as roupas elegantes.

Por um momento, fiquei tentada a ficar por aqui para ver o que aconteceu quando ele anunciou o noivado. Não pensei que Sua Majestade, a Rainha Flora, ficaria muito feliz e alguns membros da corte ficariam chocados e desaprovadores. Mas eu tinha certeza de que o povo de Plenty aprovaria.

- Parabéns - eu disse, sorrindo. - E boa sorte.

Ele sorriu de volta para mim.

- Obrigado. Talvez, quando tivermos filhos, você gostaria de ser uma fada madrinha?

Sorri de volta, ainda tonta de alívio.

- Vou pensar sobre isso.

Em algum lugar, o relógio do castelo começou a bater. Doze vezes, eu tinha certeza. Tirei os sapatos de cristal.

- Aqui - eu disse, e os entreguei ao príncipe. - Dê-os para Anna. Tenho certeza de que caberão perfeitamente nela!

Era hora desta princesa voltar para casa. O conto de fadas acabou.

Foi muito mais difícil dizer adeus ao Patch. Eu queria poder abraçá-lo, mas como não pude, apenas mandei-lhe uma onda de amor.

O Oráculo, quando nos mandou de volta para Heatherfield, tinha algumas palavras de consolo para mim.

- Ele escolheu ser seu amigo, Guardiã. E amigos verdadeiros não foram feitos para serem mantidos separados para todo sempre. Tenho certeza que você o verá novamente.

- Ele pode... visitar algumas vezes? - Perguntei.

- Muito possivelmente. Espíritos como Patch não estão sujeitos às mesmas leis de tempo e espaço que os seres humanos, e é por isso que ele e seus parentes foram capazes de vir até você em primeiro lugar. Eles sabiam que você os ajudaria. O esforço deles foi extremo, mas eles precisavam chamar sua atenção. Patch, como você o chama, e os outros foram atraídos por você por causa de seu poder sobre a terra. Ele é um espírito excepcionalmente corajoso e teimoso, não é?

- Sim - eu disse, e não pude deixar de sorrir. - Ele certamente é.

Com isso, o Oráculo nos mandou para casa, ajustando o tempo e o espaço para que fosse como se tivéssemos deixado Heatherfield apenas por um segundo.

As surpresas ainda não acabaram. Algumas semanas depois, recebi uma visita surpresa. Não, não foi Patch, mas alguém muito mais surpreendente. Quando a campainha tocou, abri a porta e encontrei Acey Jones no corredor, segurando uma pasta.

- Olá, Cornélia - disse ele, com um sorriso brilhante. - Posso entrar?

- Eu acho que sim - eu disse um pouco friamente. Eu não estava disposta a ser enganada por seu sorriso novamente.

- Presumo que você tenha visto isso - disse ele, pescando uma revista na pasta. Quando ele estendeu a mão, ele estava segurando a última edição da *Red Hot.*

Ele me entregou a revista e eu soltei um grito de surpresa. Na capa, estava meu rosto, emoldurado pelo capuz da capa de Chapeuzinho Vermelho. Mechas verdes brilhantes destacavam meu cabelo e me faziam brilhar. Um deles provavelmente era Patch, pensei com um sorriso.

O slogan dizia: *ESTA MENINA É MÁGICA*. Lilian, que acabara de entrar na sala, arrancou a revista das minhas mãos.

- Deixe-me ver, deixe-me ver - ela cantou. - Eu também quero ver!

- Então, a *Red Hot* adorou as suas fotos - disse Acey. - E o Sr. Sacharino está imensamente satisfeito. Tão satisfeito, aliás, por lhe oferecer uma oportunidade fantástica!

Ele ficou ali, sorrindo, esperando que eu perguntasse qual era a oportunidade fantástica. Cair a seus pés em gratidão?

Eu não.

Seu sorriso endureceu ligeiramente.

- Sua nova linha de outono é uma criação brilhante chama-

da Space Angels - explicou. - E ele gostaria que você modelasse!

- Realmente? - Eu disse. - Mas eu pensei que você me demitiu.

- Cornelia, isso foi... isso foi apenas um mal-entendido amigável - Acey murmurou suavemente. - Você sabe como é esse negócio. Você daria um anjo espacial deslumbrante!

Seu sorriso ficou brilhante mais uma vez e, por um momento, pareceu quase caloroso. Mas estava tudo na superfície. Eu sabia que ele realmente não gostava de mim e que a única razão pela qual ele estava lá era porque seu chefe o havia enviado. Eu sabia que ele não era um monstro, mas, ao vê-lo sorrir com aquele sorriso brilhante, mas falso, não pude deixar de ver um toque da ganância fria de Caroc. E eu tive ganância suficiente para durar a vida toda.

- Não, obrigada - eu disse calmamente. - Receio não poder ajudá-lo.

Ele ficou chocado. Ele claramente não estava acostumado a ser rejeitado.

- Oh. Bem, eu... o Sr. Sacharino ficará muito desapontado - Acey fungou.

- Eu sinto muito - repeti, embora ambos soubéssemos que não estava.

Quando ele não mostrou sinais de ir embora. Estendi minha mão.

- Adeus, Sr. Jones - eu disse.

- Acey. Me chame de Acey. - Ele olhou para mim incrédulo. - Tem certeza...

- Certeza absoluta. - eu respondi e, conduzindo-o para fora, fechei a porta.

Olhei para Lilian, que estava ao meu lado.

- Lilian, você gostaria de jogar? - Perguntei. - Ou ir ver um filme?

Ela me encarou por um momento, com descrença em seus olhos azuis. Então ela se virou e saiu correndo da sala, gritando.

- Mãe, mãe - ela lamentou. - Socorro! Cornelia está sendo legal comigo!

Eu ri. Foi bom estar de volta onde havia muita luz, esperança e... amor.

Créditos para a capa e contracapa:
http://winx-e-witch.blogspot.com/2015/07/capa-e-contracapa-da-colecao-de-livros.html

Foi bem naquela hora que tudo aconteceu. Pelo canto do olho, eu vi uma espécie de relâmpago esverdeado e, então, o ramo de cerejeira que estava em minhas mãos floresceu de repente.

O público ficou boquiaberto e começou a bater palmas mais animadamente ainda.

— Grande efeito! — disse alguém.

Eu fiquei simplesmente olhando para aquele ramo, louca de vontade de jogar tudo longe, me livrar daquilo. Primeiro fora o hibisco de mamãe e agora era aquele ramo. O que será que estava acontecendo?

Por onde Cornélia passa, as flores começam a brotar e a crescer, apesar da primavera ainda não ter chegado. Ao mesmo tempo, diante dos seus olhos, aparecem umas estranhas faíscas verdes e uma voz não pára de dizer nos seus ouvidos: *"A minhoca, a minhoca está chegando."* Cornélia sabe que alguma coisa ruim está acontecendo, mas sabe também que pode contar com a ajuda das WITCH. Onde será que esta história vai acabar?

ISBN 85-360-0882-2

9 788536 008820

edelbra